



LUIS ANTÔNIO QUADROS DE QUADROS

**MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA:
OS REFLEXOS DA VIDA ESCOLAR**

**BAGÉ
2017**

LUIS ANTÔNIO QUADROS DE QUADROS

**MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA:
OS REFLEXOS DA VIDA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pampa.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Miriam Denise Kelm

**Bagé
2017**

LUIS ANTÔNIO QUADROS DE QUADROS

**MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA:
OS REFLEXOS DA VIDA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pampa.

Área de concentração: Meio Escolar;
Interação Professor-Aluno; Memória.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ____/____/____.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dra. Miriam Denise Kelm
Orientadora
Universidade Federal do Pampa

Prof^ª. Adjunta Diana Paula Salomão de Freitas
Universidade Federal do Pampa

Prof^ª. Adjunta Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo
Universidade Federal do Pampa

Dedico este trabalho a todos que, assim como eu, buscam através da pesquisa, entender melhor como se realizam as ações nas salas de aula.

AGRADECIMENTO

A Deus, pela bênção da vida e pela oportunidade de estar vencendo esta etapa tão significativa para mim e para todos que me incentivaram a não desistir em meio às dificuldades.

À Marleci Dias de Quadros, minha esposa querida, companheira incansável nesta jornada, e que esteve sempre ao meu lado, incentivando em todos os momentos e alegrando-se comigo a cada vitória, a ela meu eterno amor e admiração.

À minha filha Priscila Quadros, pelo carinho, apoio e, também, por inúmeras vezes que me socorreu no uso das novas tecnologias.

Aos que colaboram através de conversas e entrevistas, em especial ao meu sogro Otílio Borges (*in memoriam*), que um mês antes de sua partida, compartilhou, com alegria e emoção, suas memórias da adolescência, o que foi de fundamental importância para conclusão desta pesquisa.

Aos colegas que fizeram parte desta trajetória, sempre unidos, principalmente nos momentos de ansiedade antes dos seminários e, após, na satisfação de tê-los superado.

Aos professores universitários, mestres e amigos sempre atentos às individualidades de seus alunos, em especial, à orientadora deste trabalho, Prof.^a Dra. Miriam Kelm, que, com paciência, foi auxiliando no caminho a ser percorrido com extremo cuidado. Exemplo de profissional que ama seu ofício, realiza uma missão que coopera para transformar o mundo, sensibilizando e humanizando através de suas aulas. Muito além da gratidão pelo apoio, minha profunda admiração e respeito.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para realização este trabalho.

“Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso, aprendemos sempre”.

Paulo Freire

RESUMO

Um grave problema que atinge muitas salas de aula, principalmente das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, consiste no distanciamento entre professores e alunos; algumas vezes o relacionamento entre ambos se traduz em rivalidade, afetando, assim, o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, este trabalho buscou identificar de que maneira a atuação de professores se reflete sobre a vida de alunos e ex-alunos da cidade de Bagé/RS e ressaltar a importância do reconhecimento entre educador e educando para que o processo de formação se realize de maneira efetiva. Após o resultado da pesquisa, o trabalho apresenta uma proposição de sequência didática, baseada na Literatura Memorialista, a fim de estimular a interação na sala de aula. A pesquisa qualitativa, realizou-se a partir da coleta de dados com entrevistas de alunos e ex-alunos de escolas públicas de Bagé/RS. Através delas se procurou descobrir como se desenvolveram os relacionamentos entre professores e alunos em diferentes contextos sócio históricos a começar pela década de 1940 até os dias atuais. Para tanto se explorou, além de textos teóricos, recordações de entrevistados com idades entre 15 e 85 anos. A metodologia consistiu em uma revisão de literatura baseada em autores como PINTO (1987), FREIRE (1996), BOSI (2003), entre outros. Por fim, têm-se os dados que permitem caracterizar o perfil e principais características de relacionamentos interpessoais na escola. Deste modo, para que se concretize um aprendizado de forma eficaz, é necessário que haja uma parceria entre professor e alunos, partindo do educador o estímulo à afetividade e à motivação.

Palavras-Chave: Meio Escolar; Interação Professor-Aluno; Memória.

RESUMEN

Un grave problema que alcanza muchas clases, principalmente de las series finales de la enseñanza primaria y de la secundaria, consiste en el alejamiento entre profesores y alumnos; algunas veces el relacionamiento entre ambos se convierte en rivalidad, afectando así el proceso de enseñanza/aprendizaje. De ese modo, este trabajo buscó identificar de qué manera la actuación de los profesores se refleja en la vida de los alumnos y ex-alumnos de la ciudad de Bagé/RS y señalar la importancia del reconocimiento entre educador y educando para que el proceso de formación se realice de manera efectiva. Después del resultado de la pesquisa, el trabajo propone una secuencia didáctica, fundamentada en la Literatura Memorialista, con el fin de alentar la interacción en la clase. La investigación cualitativa, se realizó a partir de la colecta de datos con entrevistas de alumnos y ex-alumnos de escuelas públicas de Bagé/RS. A través de ellas se procuró descubrir cómo se establecieron los relacionamientos entre profesores y alumnos en diferentes contextos socio históricos a empezar por la década de 1940 hasta los días actuales. Para eso se exploró, más allá de textos teóricos, recordaciones de entrevistados con edades entre 15 y 85 años. La metodología consistió en una revisión de literatura basada en autores como PINTO (1987), FREIRE (1996), BOSI (2003), entre otros. Por fin, se tiene los datos que permiten caracterizar el perfil y principales características de relacionamientos interpersonales en la escuela. De ese modo, para que se concretice un aprendizaje de forma eficaz, es necesario que haya una unión entre profesor y alumnos, partiendo del educador el estímulo a la afectividad y motivación.

Palabras-Clave: Medio Escolar; Interacción Profesor-Alumno; Memoria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Texto escrito por aluna do 9º ano.....	49
Figura 2 – Capa do livro escrito pelos alunos.....	50
Figura 3 – Comentário de aluno sobre atividade de estágio	50
Figura 4 – Comentário de aluno sobre atividade de estágio	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR	13
3	A SALA DE AULA: UM ESPAÇO DE INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM	20
3.1	O resgate histórico através da memória dos mais velhos	21
3.2	A influência da ditadura civil-militar no sistema educacional	25
3.3	Lembranças e aspirações de uma professora em formação	29
3.4	Professores: os reflexos de suas ações sobre a vida dos alunos na atualidade	33
4	PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADE: A INTERAÇÃO ATRAVÉS DE TEXTOS MEMORIALÍSTICOS	37
4.1	Planejamento didático e ação pedagógica	40
4.2	Considerações sobre as atividades desenvolvidas	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
	REFERÊNCIAS	54
	ANEXOS	58
	Entrevista com Sr. Paulo Rocha	58
	Entrevista com Sr. Renato Prado	60
	Entrevista com Cristina Amaral	62
	Entrevista com Flávia Gonçalves	64
	Entrevista com João Carlos Silva	67
	Entrevista com Fernando Martins	69

1 INTRODUÇÃO

Durante minha trajetória, no curso de graduação em Letras-Português e Literaturas de Língua Portuguesa, participei de muitas atividades extremamente importantes, dentre as quais, uma me chamou a atenção de forma especial e deu origem ao Trabalho de Conclusão de Curso ora apresentado. A atividade foi solicitada pelo componente curricular “Organização Escolar e Trabalho Docente”, no ano de 2014 e consistia, basicamente, na observação e coleta de dados do ambiente escolar. Momento em que realizei pesquisas e entrevistas a alunos, a professores e aos membros da equipe diretiva, além de analisar alguns aspectos do Projeto Político Pedagógico da escola.

Na realização das entrevistas, em uma Escola Estadual de Ensino Médio em Bagé-RS, observei que grande parte dos alunos reclamava da falta de comprometimento por parte do professor em relação aos conteúdos, à forma em que eram apresentados e à maneira pela qual os professores se dirigiam a eles. Já a maioria dos educadores declarou que o desinteresse dos alunos pelas atividades propostas eram desmotivadoras, não importando o tipo de atividade que apresentassem na sala de aula. Ao lado deste quadro de afastamento entre professores e alunos circulava nos corredores o anúncio de um festival de cinema que estaria acontecendo na escola dentro de poucos dias. Assisti ao festival e entrevistei a professora que conseguiu a grande façanha de mobilizar mais de cento e oitenta alunos na produção e apresentação de filmes, em que os estudantes se mostraram entusiasmados e participativos. Mesmo compreendendo que o trabalho com as Novas Tecnologias e com Cinema sejam atividades atrativas e estimulantes para a maior parte dos jovens, ressalto a importância do entrosamento entre professora e alunos e dos próprios estudantes entre si como contribuição indispensável para o sucesso do evento.

Percebi, então, através da observação e dos dados coletados que talvez um dos maiores problemas enfrentados na sala de aula seria a falta de interação entre professor e educando. A partir dessa constatação, comecei a questionar-me quais seriam os impactos do afastamento professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem e principalmente em sua formação cidadã.

Entendo que o professor tem muita influência na vida do aluno e que seu comportamento pode ajudá-lo ou prejudicá-lo dependendo do posicionamento adotado. Sendo assim, surgem algumas perguntas que serviram de norte para este trabalho: Que ensinamentos o professor revela ao aluno através de seu comportamento, que vão além do currículo escolar

e que ficam registrados na memória como aprendizado para a vida? Como o relacionamento professor-aluno influencia no futuro dos estudantes?

De acordo com Alvaro Vieira Pinto (1987), as relações humanas constituem a base para o acontecimento de qualquer prática educativa, e esclarece que “no processo de educação não há uma desigualdade essencial entre dois seres, mas um encontro amistoso pelo qual um e outro se educam reciprocamente” (PINTO, 1987, p.13).

A escola promove em cada situação, no cotidiano, um resultado provisório do movimento permanente de transformação. Esse ambiente escolar pressupõe momentos de tensão, conflitos, esperanças e busca por propostas alternativas. Sendo assim, mestres que estimulem a comunicação adequada a cada contexto é um imperativo para que as relações sejam frutíferas.

Segundo Paulo Freire (1996), “comunicar-se com os alunos é altamente positivo, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis e críticos”. Ainda:

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. ...o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE, 1996, p. 59).

O contato entre professor e aluno é delicado e pode tomar várias direções. Pode haver casos em que exista uma rica experiência e crescimento de ambas as partes ou poderá também ocorrer justamente o oposto, em que a relação seja algo desgastante, cansativo e forçado. Célia Regina Haydt (2006) afirma que “É no contexto da sala de aula, no convívio diário com o professor e com os colegas, que o aluno vai paulatinamente exercitando hábitos, desenvolvendo atitudes, assimilando valores” (2006, p.55).

Para Philippe Perrenoud (2001), na escala da sociedade, a educação e o ensino oscilam entre reprodução e mudança, transmissão de uma herança e preparação para uma nova sociedade, continuidade com o passado e antecipação do futuro. Aponta que a escola, por sua própria natureza, é uma confluência entre o velho e o novo, tanto para as pessoas quanto para o sistema e, por isso, está no centro do debate que sempre renasce entre antigos e modernos. É importante pensarmos o aluno e o professor como partes integrantes do mesmo contexto social, o da sala de aula, onde o sucesso da prática educacional deve levar em conta o respeito às individualidades.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013) orientam para a mesma necessidade quando dizem que:

Para que a instituição educativa se constitua em um ambiente educativo democrático, local de diferentes aprendizagens, é necessário considerar também as diversas fases de desenvolvimento da criança, jovens e adultos respeitando as suas individualidades enquanto sujeitos de direitos. (BRASIL, 2013, p. 342)

Ao pensar nessas questões, apresento uma proposta de Sequência Didática que, acredito, foi capaz de estimular o diálogo, o respeito e a confiança entre professor e alunos. A Literatura Memorialista, com o gênero autobiografia, pode constituir-se como essa alternativa viável para promover a interação entre os agentes da sala de aula. O ato de narrar-se possibilita organizar os pensamentos, criar um distanciamento do vivido e selecionar aquilo que precisa ou merece ser lembrado. Alba Olmi (2006) explica que:

O ato autobiográfico pode ser, em alguns casos, uma espécie de tratamento que ajuda a sentir-se melhor, quando o ato de narrar-se se torna libertação e encontro. O benefício secreto que dele deriva se origina daquela ação denominada “faça você mesmo” que esvazia e, ao mesmo tempo, completa. (...) É como revelar os negativos de uma vida, retomando-as nas mãos, assumindo a responsabilidade de tudo aquilo que fomos ou fizemos: ao repensar no que vivenciamos estaremos criando uma alteridade que age, erra, acerta, ama, sofre, mente, adoce e se alegra, isto é, estaremos nos desdobrando em outros, em outras tantas alteridades. (OLMI, 2006, p. 24)

Sendo assim, desenvolvo este trabalho com a seguinte estrutura: inicialmente abordo como cheguei à questão da pesquisa e quais os seus objetivos; em segundo lugar apresento algumas concepções de aprendizagem, educação e relação professor-aluno a partir de documentos legais como LDBEN (1996), DCNs (2013), PNE (2014) e do aporte teórico de PINTO (1987), FREIRE (1979); no capítulo seguinte descrevo minha estratégia de pesquisa, os instrumentos metodológicos que utilizei nas entrevistas e em um subtítulo descrevo os casos que foram estudados juntamente com suas análises teóricas; em outro capítulo apresentarei uma proposta de Sequência Didática a partir de textos memorialísticos e, por último, minhas considerações finais.

A pesquisa tem como objetivo geral estimular o leitor a refletir sobre as relações sociais estabelecidas na escola e sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Que possamos sonhar com um futuro melhor para Escola Pública, começando a ser construído nas salas de aula, a partir das relações humanas estabelecidas de forma coerente e comprometidas.

2 RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

No Brasil, ao longo dos anos, a Educação sofreu inúmeras mudanças positivas em sua estrutura, contudo os desafios ainda são imensos. Muitas são as adversidades enfrentadas pela escola pública que interferem diretamente no rendimento do aluno e que terminam por motivar, inclusive, a Evasão Escolar. Fato que, também, pode ser justificado pelas condições sociais enfrentadas pelo aprendiz no decorrer de sua caminhada escolar, como afirma Miguel Gonzáles Arroyo (1993), que entende a Evasão Escolar como sendo a exclusão da participação de cidadãos da sociedade.

De acordo com Roberto Shinyashiki (2012), hoje, talvez mais do que em qualquer outra época, o professor enfrenta desafios na sala de aula que dificultam a realização do seu trabalho. Vivemos em um mundo em constante transformação, em que há grande quantidade de informações quase que instantâneas, a tecnologia evolui em um ritmo acelerado, a sociedade se transforma e os valores éticos e morais parecem ser cada dia menos importantes. O tempo do professor é curto: ele precisa preparar aulas, provas, corrigir testes e exercícios, participar de reuniões, atender a pais e alunos, manter-se informado, fazer cursos de atualização e muito mais. Apesar disso, cada vez mais o professor vê seu valor ser diminuído diante da nova realidade. Sente-se impotente e assiste a outras profissões sendo mais valorizadas e bem remuneradas pela sociedade.

Concordo com Shinyashiki (2012) quando diz que, geralmente, o interesse que as aulas do educador despertam nos alunos é muito menor que o de um mundo repleto de atrações rápidas que eles encontram na *internet*, em *videogames*, em *Ipods* e *Ipads*, que dão acesso a um mundo de informações ao toque dos dedos. De acordo com ele, muitas vezes o professor recebe em suas mãos uma classe apática, desinteressada, indisciplinada, agressiva e outras vezes dispersa, ou mesmo hiperativa, desatenta e ansiosa.

Cada vez mais a participação da família na vida escolar diminui, nem por isso os pais deixam de exigir dos professores e da escola resultados que só podem ser conquistados com a atuação conjunta da família, mestres e alunos. Segundo o especialista, a verdadeira fonte das dificuldades na sala de aula está na questão dos relacionamentos e da busca dos alunos por reconhecimento e aceitação, fato que eu pude presenciar em atividades de estágios. Percebe-se é que os alunos não se sentem compreendidos em suas necessidades, e por isso manifestam comportamentos que visam, na maioria das vezes, chamar a atenção do professor e dos colegas. Shinyashiki (2012) também ressalta que sem uma linguagem apropriada é quase impossível haver relacionamentos produtivos:

(...) falta de atenção, imaturidade, impaciência, pouca autonomia, agitação, ansiedade, angústia, depressão, irritação, tédio, desmotivação, agressividade, violência... Sem uma linguagem comum e atraente para unir professor e alunos no mesmo objetivo e na mesma energia, os relacionamentos não encontram meio de serem agradáveis e produtivos (SHINYASHIKI, 2012, p. 67)

Segundo ele, por trás de toda essa situação, existem muitas causas, que vão desde a falta de tempo e energia dos pais para se dedicar à educação dos filhos, a falta de valorização da educação como um todo, a delegação da educação dos filhos pela família à escola, até a falta de afinidade entre professores e alunos. Esta última pode ser provocada por uma barreira de gerações, ou mesmo pelas difíceis condições de o educador se preparar de modo adequado.

Nessas condições, então, ser um bom professor significa, além de apresentar da melhor forma os conteúdos, estimular o contato, o reconhecimento, e a motivação para o aprendizado dos alunos e, ainda, lidar com suas próprias emoções, que também dependem desses mesmos requisitos para serem bem resolvidas. Nesse sentido, o bom relacionamento interpessoal é o ponto chave que poderá amenizar essas questões.

Segundo Maria de Fátima Roque Pinto (2014), um dos grandes problemas relacionados à educação refere-se ao processo de aprendizagem, ou melhor, à dificuldade do aluno em aprender determinados conteúdos e assuntos do cotidiano escolar. Muitos estudiosos apresentam inúmeras teses para tentar solucionar ou minimizar tais dificuldades; uma delas diz respeito à interação, ao relacionamento entre pessoas. Sendo assim, procurarei elencar alguns pontos que eu considero relevantes sobre as relações interpessoais entre professor-alunos e seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem.

Não há dúvidas de que as pessoas diferem umas das outras. Apesar disso, compartilhamos de algo que é comum a todos os seres humanos que é a capacidade de nos relacionarmos de forma consciente e voluntária uns com os outros. Este processo de relacionamento entre os indivíduos acaba sendo de extrema importância para a estruturação da personalidade do ser humano. Porém, de acordo com Pinto (2014), devido aos diferentes fatores que estão envolvidos nas relações humanas como as características psicológicas de cada pessoa, como ela se integra nos ciclos sociais e sua história de vida, este acaba sendo um processo de alta complexidade e que não possui modelos ou fórmulas mágicas. Sendo assim, nossas atitudes devem ser baseadas não em modelos predefinidos, mas de acordo com o contexto de cada situação. Tendo por base um respaldo prático e teórico que nos capacite a agir da maneira mais adequada.

As relações que acontecem diariamente em sala de aula entre professor e alunos podem ser ricas de informações e acontecimentos, onde todos podem aprender através de seus atos e de suas ideias. Nessa interação o professor tem a oportunidade, a partir de sua postura e conduta, de demonstrar valores pessoais a seus alunos o que poderá contribuir positivamente para a formação dos educandos. Claudia Davis (2010) explica:

Mas, na verdade, como é que os valores são adquiridos? Como as pessoas escolhem entre uma conduta e outra? Como julgam e avaliam o seu comportamento e aqueles de outros indivíduos a sua volta? Para responder a essas perguntas a Psicologia considera que a aquisição de valores não se dá de forma unilateral, com os adultos impondo às gerações mais novas um sistema fechado de regras. Ao contrário, valores são, pouco a pouco, construídos pelas crianças, ao longo das interações que elas mantêm com adultos e companheiros mais experientes, em situações variadas. Tais valores fundamentam determinados padrões de ação que permitem a convivência entre os indivíduos. (DAVIS, 2010, p. 120)

Segundo Nelson Piletti (2006, p.80) “A aprendizagem é um processo contínuo, que dura toda vida. Só crescemos e nos desenvolvemos na medida em que estivermos abertos a novos conhecimentos”. O professor também pode aprender muito com seus alunos e ambos constroem seu processo de conhecimento, deixando para trás o modelo de ensino em que o educador manda, instrui, treina e o educando, passivo e manipulável, não pensa, apenas obedece.

O processo implica normalmente uma interação do aluno com o meio, levado a captar e processar estímulos vindos do exterior, que foram selecionados, planejados e sequenciados pelo professor. Esse planejamento das aulas revela o respeito e cuidado do educador em relação aos seus alunos. Tais atividades poderão projetar nos educandos uma visão positiva de seu potencial.

Para Celso Antunes (2007):

Relações interpessoais é o conjunto de procedimentos que, facilitando a comunicação e as linguagens, estabelecem laços sólidos nas relações humanas. É uma linha de ação que visa, sobre bases emocionais e psicopedagógicas, criar um clima favorável à empresa (escola) e garantir, através de uma visão sistêmica a integração de todo pessoal envolvido, por meio de uma colaboração confiante e pertinente. (ANTUNES, 2007, p.9).

O educador preparado e com motivação para desempenhar o seu papel interfere de maneira positiva na formação do aprendiz. Ainda que os baixos salários e as más condições no ambiente de trabalho afetem o seu cotidiano, o profissional comprometido visa em primeiro lugar a formação cidadã de seus alunos. Em meio às dificuldades do mundo

socialmente desigual e o mundo de conhecimento propiciado pela escola, José Carlos Libâneo (2001) revela um dos papéis fundamentais do mestre:

O professor tem aí seu lugar, com o papel insubstituível de provimento das condições cognitivas e afetivas que ajudarão o aluno a atribuir significados às mensagens e informações recebidas das mídias, das multimídias e formas diversas de intervenção educativa urbana. (LIBÂNEO, 2001, p. 41)

O professor precisa ter consciência da importância de sua prática de ensino na construção do processo de aprendizagem de seus alunos; através de seu trabalho ele pode transformar vidas. Assim, sua influência ultrapassa os limites de sua formação acadêmica e o remete a um desafio e um compromisso social. Para tanto necessita ser um profissional comprometido com sua tarefa e, naturalmente, que a aquisição dessa competência é um processo árduo e contínuo, conforme explica Le Boterf (1994) em Perrenoud (2001):

A competência não é um estado, mas um processo. Se a competência é uma forma de saber agir, como é que ela funciona? O operador competente é aquele capaz de mobilizar, de aplicar de forma eficaz as diferentes funções de um sistema no qual intervêm recursos tão diversos quanto operações de raciocínio, conhecimentos, ativações da memória, avaliações, capacidades relacionais ou esquemas comportamentais. Em grande parte, essa alquimia continua sendo uma terra incógnita. (LE BOTERF, 1994, p. 43 apud PERRENOUD, 2001).

Entendo que o processo de formação à docência, passa pela necessidade de desenvolver habilidades de construir bons relacionamentos interpessoais na sala de aula. Nas interações aluno-aluno e professor-aluno, a troca de experiência e informação favorece o conhecimento, possibilitando aos educandos não só a apropriação do conhecimento cultural, mas, também, sobre o meio em que está inserido com a consciência de seu papel na sociedade. A escola, ao assumir seu caráter educativo, deve valorizar a herança cultural e as individualidades dos estudantes, pois dessa forma as relações interpessoais se ampliam. As Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013), apontam para uma instituição que valorize as individualidades de seus alunos, assim, consideram que:

Para que a instituição educativa se constitua em um ambiente educativo democrático, local de diferentes aprendizagens, é necessário considerar também as diversas fases de desenvolvimento da criança, jovens e adultos respeitando as suas individualidades enquanto sujeitos de direitos. (BRASIL, 2013, p. 342)

Com isso a escola cumpre um importante papel no desenvolvimento de uma sociedade pautada em valores construídos a partir da realidade de seus alunos. E o professor atua como facilitador no processo de aprendizagem.

Rogers (1983) afirma que:

Para mim, facilitar a aprendizagem é o objetivo essencial da educação, a melhor maneira de contribuir para o desenvolvimento de indivíduo que aprende e de aprender ao mesmo tempo viver como indivíduos. Eu vejo o processo que permite facilitar a aprendizagem como função capaz de levar respostas construtivas, provisórias e evolutivas para certas interrogações muitíssimo importantes que assaltam os homens hoje (ROGERS, 1983, p.105).

O professor enquanto um facilitador da aprendizagem torna-se autêntico e verdadeiro em suas relações com os alunos, respeitando seus pensamentos e atuando dentro da realidade de cada um. Para Pinto (2014), refletir sobre a importância das trocas de experiências entre os parceiros no processo de aprendizagem nos remete a um importante ponto que é a autoestima. E diz que, se aceitarmos e valorizarmos nossos alunos, se os considerarmos capazes de desenvolver competências necessárias para lidar com seus estudos, estaremos contribuindo para que eles aprendam a agir de forma independente e responsável.

Paulo Freire (1995) reforça este pensamento ao dizer que:

Creio que a questão fundamental diante de que devemos estar educadoras e educadores, bastante lúcidos e cada vez mais competentes, é que nossas relações com os educandos são um dos caminhos de que dispomos para exercer nossa intervenção na realidade a curto e em longo prazo. Neste sentido e não só neste, mas em outros também, nossas relações com os educandos, exigindo nosso respeito a eles, demandam igualmente o nosso conhecimento das condições concretas de seu contexto, o qual os condiciona. (FREIRE, 1995 p. 79).

Na dinâmica da sala de aula, pode-se observar que muitos alunos são mais aceitos que outros e que geralmente esses são os que demonstram maior número de competências cognitivas e sociais. Quando o aluno se percebe rejeitado ou diminuído em suas capacidades por seu professor, ele acaba desenvolvendo um sentimento de inferioridade que pode comprometer também a interação com os colegas. Em relação ao cuidado que deve ter o professor ao falar com os alunos, Antunes (2007) explica que:

A educação para a autoestima deve distanciar-se de palavras como “erro” ou “culpa” e pela descoberta de que aprender a viver é como descobrir um caminho. Contudo, com ajuda, os alunos criarão quadros de si mesmos como indivíduos valorosos e bem sucedidos, com uma boa auto compreensão e um bom autocontrole (ANTUNES, 2007, p.22).

De acordo com Pinto (2014), a moralidade também se desenvolve a partir das experiências sociais, ou seja, das experiências de vida que a favoreçam e a estimulem. Esse profissional deve se comprometer e ser prático em suas ações, aproximando o que se diz do que se faz. Segundo Freire (2008) o professor só poderá comprometer-se a partir de alguns princípios básicos:

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isso, de comprometer-se (FREIRE, [1979] 2008, p. 16).

Álvaro Vieira Pinto (1987) entre os conceitos que faz sobre a educação está: a educação como uma natureza contraditória, essência concreta e processo exponencial. Sobre a natureza contraditória da educação explica que:

A educação é por natureza *contraditória*, pois implica simultaneamente conservação (dos dados do saber adquirido) e criação, ou seja, crítica, negação e substituição do saber existente. Somente desta maneira é profícua, pois do contrário seria a repetição eterna do saber considerado definitivo e a anulação de toda possibilidade de criação do novo e do progresso da cultura (PINTO, 1987, p.34).

Vale ressaltar que a educação de qualidade constitui um direito de todos e isso implica em uma educação inclusiva, em que todos possam ter acesso e permanência na escola sem discriminação, cabendo à escola conhecê-los e respeitá-los na sua alteridade.

As relações humanas dentro da escola são de fundamental importância, e neste processo o professor tem a chance de ajudar ou prejudicar no processo de conhecimento do aluno, como aponta Freire (1995):

Na prática educativa lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamos-os ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso, mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo (FREIRE, 1995, p.47).

A partir do que vimos podemos concluir que o processo educacional, na sala de aula, é complexo, que não há um modelo único a ser seguido e, sim, várias possibilidades e

incertezas. Estamos sempre em busca de uma educação mais completa e significativa, procurando atuar sobre o meio a fim de mudar nossas realidades. Dando ênfase ao novo, ao contraditório, à problematização para que possamos avançar rumo à resolução de problemas antigos, porém atuais. Sempre prontos como profissionais comprometidos, como disse Freire “O compromisso próprio da existência humana só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro” (FREIRE, [1979] 2008, p.19).

3 A SALA DE AULA: UM ESPAÇO DE INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM

O bom relacionamento entre professor e alunos é um dos pontos essenciais para que o processo de ensino-aprendizagem seja pleno, observa-se na grande maioria das salas de aula dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio um distanciamento entre os protagonistas. A indisciplina está entre uma das principais causas, sendo também a responsável por muitos estudos por parte de especialistas. Há muito a escola pública convive com questões de conflitos entre educador e educando, porém, hoje, esses impasses tornam-se cada vez mais frequentes. Muitas vezes, para evitar o conflito direto com o aprendiz o mestre permite comportamentos que ultrapassam limites. Com isso, geralmente, induz outros colegas a atitudes parecidas. O profissional que não consegue manter a disciplina no seu ambiente de trabalho é muitas vezes taxado pelos colegas e direção da escola de incompetente. Nesse sentido, grande parte dos professores, cedendo à pressão, tenta manter o mínimo de ordem a qualquer custo.

O tempo que se perde tentando obter as condições necessárias para explicar a proposta de trabalho consome boa parte da aula, que poderia ser aproveitada para outras atividades. Nota-se que a responsabilidade sobre os ombros do professor está muito além de dominar os conteúdos específicos; o educador que não desenvolver habilidades para lidar com seus alunos terá um grave problema. Todo conhecimento adquirido não poderá ser apresentado de forma adequada sem que se estabeleça, em primeiro lugar, parâmetros que resultem em um bom relacionamento interpessoal. Somente isso será capaz de permitir a melhora no processo de ensino-aprendizagem.

Com a finalidade de investigar como ocorrem as relações interpessoais entre professor e alunos no ambiente escolar e sua influência no processo de ensino-aprendizagem, e também como a atuação de professores se reflete sobre a vida de alunos e ex-alunos de escolas públicas da cidade de Bagé, realizei encontros com pessoas que estudaram em épocas distintas. Também apresentarei reflexões teóricas a cerca de uma sequência didática desenvolvida para auxiliar na melhora do relacionamento interpessoal na sala de aula.

O trabalho baseou-se em uma pesquisa qualitativa realizada através de entrevistas com perguntas pré-definidas. Escolhi os entrevistados com idades entre 15 e 85 anos a fim de realizar um breve panorama histórico social do processo de ensino-aprendizagem, com recorte no tema “o relacionamento entre o professor e os alunos na sala de aula.” Após o primeiro contato com os convidados, expliquei os motivos da pesquisa e agendei as conversas.

O próximo passo foi ouvir os participantes separadamente, mantendo seus nomes em sigilo. Eu gravei e transcrevi as entrevistas, estando sua íntegra anexada ao final deste trabalho.

3.1 O resgate histórico através da memória dos mais velhos

No momento das conversas foi interessante observar que, principalmente os mais idosos, ficavam felizes ao relembrar o passado. Ainda que algumas recordações não parecessem agradáveis, eles aparentavam alegria e satisfação em falar sobre elas.

Havia momentos em que o entrevistado fazia uma parada em seu depoimento na tentativa de relembrar com detalhes os fatos mais significativos e marcantes.

Joël Candau (2014) explica que é o distanciamento do passado que permite àquele que narra reconstruir para fazer uma mistura complexa de história e ficção, de verdade com base em fatos e verdade estética. Essa reconstrução do acontecido tende à elucidação e à apresentação de si. Afirma que “o ato de memória que se dá a ver nas narrativas de vida ou nas autobiografias coloca em evidência essa aptidão especificamente humana que consiste em dominar o próprio passado para inventariar não o vivido (...) mas o que fica do vivido.” (CANDAU, 2014, p. 71).

Talvez a possibilidade de refletir sobre as relações humanas construídas na sala de aula, com um olhar distanciado, com novas vivências e por isso com pontos de vista diferentes, fosse o motivo principal da satisfação de falar do passado.

Acredito que esses depoimentos acrescentam às investigações a que o trabalho se propõe por serem testemunhos do que acontecia em sala de aula à época.

Ao resgatar memórias ligadas a causas sociais, relatar os fatos assume a responsabilidade ética de manter o passado vivo, não apenas para ser lembrado enquanto processo encerrado, mas para pensar em alternativas para o presente.

As entrevistas também representaram aos colaboradores uma parada para refletir e resgatar, em uma visitação ao passado, aquilo que realmente importa individualmente. Proporcionaram uma quebra em um espaço e tempo que se caracteriza pelo instantâneo, pelo efêmero. Como explica Cléa Bosi:

É verdade, porém, que nossos ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, “racionalizando” as horas de vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho

sobre o tempo, abarcando também esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil. (BOSI, 2003, p. 53)

A autora explica que tal como o tempo social acaba engolindo o individual, a percepção coletiva abrange a pessoal, dela tira sua substância singular e a estereotipa num caminho sem volta. Segundo ela, “só os artistas podem remontar a trajetória e recompor o contorno borrado das imagens, devolvendo sua nitidez” (BOSI, 2003, p. 53).

Ao entrevistar Paulo Rocha (informação verbal)¹, de 85 anos de idade, este fala com ânimo do tempo em que estudava. Conta como eram seus colegas e seus professores e com emoção revela suas lembranças dando o seu parecer das relações educador-educando hoje:

Naquele tempo era tudo diferente. Havia respeito na sala de aula. O aluno respeitava o professor e o professor respeitava o aluno. Tudo que eles faziam era para o nosso bem. O que o professor falava a gente fazia. Não era como é hoje, que ninguém respeita ninguém, que o aluno agride o professor na sala de aula e fica por isso mesmo. (Paulo Rocha).

Desde Paulo Freire (1987), que defendia uma educação libertadora, a questão é objeto de reflexão. Segundo o autor:

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. (FREIRE, 1987).

Conforme Freire (1987), o professor é o narrador e tende a querer alunos sempre silenciosos que estão ali apenas para escutar. Segundo ele, o professor lotado de conteúdo, cheio de palavras encontra no aluno que não se manifesta um ouvinte em potencial, pronto para ser “preenchido”, como se fosse vazio, antes de sentar no banco escolar.

O entrevistado (informação verbal) também comentou sobre uma professora que se diferenciava dos demais professores que ele conheceu por ser comunicativa e amiga dos alunos. Lembra com carinho ao dizer:

Tinha a professora Nancy. Ela era minha amiga, aliás, amiga de todos na sala. Ela conversava muito com a gente, escutava o que a gente dizia, dava conselhos para nós. Ensinava bem a matéria e conversava coisas interessantes que às vezes nem tinha a ver com a matéria dela. Mas eu lembro que nas aulas dela a gente aprendia tudo mais rápido. (Paulo Rocha).

¹ Entrevista concedida por ROCHA, Paulo. **Entrevista I**. [jan.2017]. Entrevistador: Luis Antônio Quadros. Bagé, 2017. 1 arquivo .mp3 (30min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita Anexo ao final deste trabalho.

Nesse trecho da entrevista percebemos que a relação entre educando e educador se realiza de forma mais tranquila. A professora “Nancy” parece dar mais espaço para o aluno se expressar, procurando incentivar o diálogo. Há um processo de interação em sua sala de aula, aquilo que orienta Freire (1996), em relação ao estímulo à pergunta e à necessidade do professor em ouvir seus alunos:

estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com essa ou aquela pergunta (...) o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto falam ou enquanto ouvem. (FREIRE, 1996, p.95).

Segundo Freire, o professor deve estimular a troca de informações, uma interação que beneficiará a turma como um todo mantendo no centro os objetivos que o educador estipulou para a aula. Essa atitude está mais próxima do que se espera do professor na atualidade, um educador que não seja um ditador, autoritário. Alguém que dê voz ao aluno sem, no entanto, se excluir de sua responsabilidade de liderança na sala de aula.

Já Renato Prado (informação verbal)² conta que, no tempo em que estudava, os professores, em geral, partiam do princípio de que se um aprendiz consegue assimilar o conteúdo ensinado em um determinado tempo, então todos os demais devem seguir este padrão. O educador não levava em consideração a individualidade do educando. Em relação a isso ele relata que:

O aluno que não sabia responder quando o professor perguntava era castigado na hora, na frente de todo mundo. O professor dava “bolo nas mãos”. A gente tinha medo, ninguém queria apanhar, né? Daí tinha um irmão meu que não conseguia aprender nada, e passava levando “bolo”. Coitado! O professor achava que ele fazia por gosto, mas ele não aprendia nem as brincadeiras que a gente tentava ensinar. Como era um colégio de campanha, uma vez ele saiu correndo campo a fora pra não apanhar. Aí o professor mandou que eu sáísse atrás dele para pegar. Eu saí e fingi que não consegui alcançar. Eu chegava perto dele correndo e dizia: - Corre mais, vai-te embora! Foi muito engraçado! Ele acabou abandonando o colégio. (Renato Prado).

² Entrevista concedida por PRADO, Renato. **Entrevista 2**. [fev.2017]. Entrevistador: Luis Antônio Quadros. Bagé, 2017. 1 arquivo .mp3 (30min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em Anexo ao final deste trabalho.

Nesse trecho da entrevista nós podemos perceber que os relacionamentos em sua sala de aula eram dominados pela figura do mestre que quer resultados a qualquer preço. Percebe-se realmente que há um excesso por parte do professor.

Quando perguntei a Renato se alguém havia falado ao professor da dificuldade do aluno em aprender, ele respondeu que sim e que o educador falou: “- Não quero saber! Se os outros fazem ele tem que fazer também!” Faltou, nesse caso, uma possível adaptação do conteúdo a fim de amenizar a dificuldade de aprendizagem.

Segundo Luiza de Souza Müller (2001), a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Muitas vezes essa relação pode se mostrar conflituosa, pois se baseia no convívio de classes sociais, culturas, valores e objetivos diferentes.

A metodologia utilizada pelo professor, na entrevista acima, contribuiu para o afastamento de um aluno da escola e como já mencionado anteriormente, segundo afirma Miguel Gonzáles Arroyo (1993), a Evasão Escolar é a exclusão da participação de cidadãos da sociedade.

Dois fatos relevantes me chamaram atenção nessa entrevista: um deles refere-se à maneira autoritária e desmedida com que o professor se dirigia aos alunos e o outro é atitude de alguém que conquistou a amizade e a consideração dos alunos. Nesse caso foi uma professora, citada pelo entrevistado, que tinha uma maneira especial de abordar os conteúdos e uma forma diferenciada em tratar os alunos. Observe no trecho a seguir como ele refere-se à sua ex-professora:

Bah! Ela era diferente! Era amiga nossa, conversava sobre tudo não só sobre a matéria, dava conselhos pra nós... A gente aprendia mais rápido as coisas, porque ela explicava de forma diferente e porque ela era nossa amiga. E muitas vezes ela ia à classe de um e de outro que não entendia bem e explicava direitinho e ele aprendia. Eu não preciso, eu aprendia de primeira! (Renato Prado).

Ao falar sobre a ex-professora notei que o entrevistado emocionou-se, como se estivesse falando de um parente próximo e querido. Percebi, também, que havia uma afetividade e um respeito, por parte do educador, em relação ao tempo de aprendizagem de cada um. A diferença quanto à forma de encarar os relacionamentos na sala de aula teve efeitos positivos, pois os alunos aprendiam os conteúdos de maneira mais tranquila e saudável. Nesse contexto, Müller (2001) orienta que a aula não pode ser considerada apenas

uma mera transferência de conhecimento, e que devemos também nos preocupar com o conteúdo emocional e afetivo, que faz parte da facilitação da aprendizagem.

3.2 A influência da ditadura civil-militar no sistema educacional

Quando perguntei à professora de Língua Portuguesa Cristina Amaral (informação verbal)³, que realizou seus estudos na Escola Estadual Carlos Kluwe na década de 1970, sobre como era a relação com os professores e quais suas recordações do tempo em que estudava, ela respondeu:

Estudei no Colégio Estadual, acredito que tenha sido em 74 mais ou menos. (...) Nessa época, o Estadual era, e é até hoje, bastante exigente quanto à disciplina e quanto à educação em geral, essa exigência ainda continua. Acho que era mais exigido, bem mais do que hoje, eu acredito que a educação há alguns anos atrás era bem melhor do que hoje, pena que não perdurou isso, não é? Naquela época na hora que os professores entravam na sala nós tínhamos que levantar, era uma questão de educação, eles nos passavam e a gente tinha que fazer isso sempre. Se tornava tão repetitivo que todo mundo até que gostava, o professor entrava nós levantávamos para recebê-los, era muito bom! E a escola limpa, maravilhosa, muito organizada, tanto na disciplina quanto no conteúdo em si. Eu acho que eu fui bastante privilegiada na época, fiz o vestibular e passei de primeira, não tive que fazer curso, nem nada porque eu tive um fundamental bem forte. Então, quem gostava de estudar nem se preocupava, estudava e passava direto no vestibular. E, na época que eu fiz, foi vestibular mesmo, não é como agora, provinha não, era bem difícil! Pontos negativos? Não lembro! Não tinha bagunça, não tinha stress. Nossa! Professor nessa época era um deus, fora que recebia melhor do que hoje, claro! Os professores a gente via eles sempre contentes e aproveitando aquele momento, tenho certeza que era mais por causa disso, eles eram bem valorizados coisa que hoje não somos. Não lembro de algum tipo de bagunça, talvez seja pelo fato da disciplina ser rígida e o professor era bem...se tu olhasse para o lado durante a explicação eles vinham em cima. (Cristina Amaral)

A professora Cristina (informação verbal) tem boas recordações do tempo em que estudava e fala que, naquela época, os professores viviam sempre contentes e satisfeitos, aproveitando aquele momento. Segundo ela, os professores eram melhor remunerados que agora. Mesmo destacando que a disciplina era muito rígida, diz não se recordar de pontos negativos na relação professor-aluno.

Nos anos em que ela estudava na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Antônio Kluwe, mais conhecida na cidade como o “Estadual”, eram os anos em que a ditadura civil-militar estava em vigor e com ela uma série de transformações acontecia, também, no sistema educacional.

³ Entrevista concedida por AMARAL, Cristina. **Entrevista III**. [MAI.2017]. Entrevistador: Luis Antônio Quadros. Bagé, 2017. 1 arquivo .mp3 (30min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em Anexo ao final deste trabalho.

Segundo Amarilio Ferreira Jr e Marisa Bittar (2006), ambos Doutores em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), o impacto da política educacional do regime civil-militar (1964-1985) sobre a categoria dos professores públicos estaduais, realça dois aspectos que, interligados, determinaram uma transformação radical na sua trajetória e composição: Um deles diz respeito ao seu crescimento numérico e o outro ao arrocho salarial presente no período da ditadura.

Ainda de acordo com Ferreira e Bittar (2006), numa sociedade que se modernizava pela via autoritária, esses dois fatores, conjugados entre si, atuaram no sentido de torná-la a maior categoria profissional do país e de conferir-lhe uma identidade de oposição ao próprio regime. Neste sentido, ela se distingue dos traços que a caracterizavam até então, sobretudo a de ter sido uma categoria profissional pequena, com origem social proveniente das camadas médias e até da elite.

As licenciaturas instituídas pela reforma universitária do regime militar operaram um processo imediatista de formação com graves consequências culturais. A conjugação entre perfil feminino e padrão de ensino seletivo era um dos traços dos “anos dourados” da educação brasileira, cujo auge foi exatamente a década de 1960.

Conforme Ferreira; Bittar (2006), a partir de 1970, eles constituiriam a base do magistério público estadual de 1º e 2º graus. Assim, a passagem da década de 1960 para a de 1970 foi marcada por mudanças estruturais no sistema nacional de educação. O regime militar, embalado pelo “milagre econômico”, estabeleceu claramente uma vinculação entre a educação e o modelo autoritário de modernização das relações capitalistas de produção, tal como ficou explícito na mensagem de 31 de dezembro de 1970, do general-presidente Emílio Garrastazu Médici em Ferreira; Bittar (2006):

Creio que 1971 será um ano de marcante expansão industrial, incentivada pelo programa siderúrgico que dentro de poucos dias apresentarei à Nação (...). Sinto que a grande revolução educacional virá agora, na passagem da velha orientação propedêutica da escola secundária a uma realística preparação para a vida, que atenda à carência de técnicos de nível médio, problema dos mais críticos na arrancada do nosso desenvolvimento. (Médici, 1971, p. 34 apud FERREIRA; BITTAR, 2006, p. 1163).

A professora Cristina relembra com saudade o dia em que o então presidente da República General Emílio Garrastazu Médici veio à Bagé para inaugurar o Ginásio que leva o seu nome (citação verbal) “É, lembro de uma vez, quando o presidente veio inaugurar o Ginásio “Militão” aqui. O avião dele sobrevoou o colégio saímos para o pátio para ver. Para nós aquilo foi o máximo!” Popularmente chamado de “Militão”, tem o nome de Ginásio

Presidente Médici em homenagem ao ex-presidente da República, nascido em Bagé. Inaugurado em 1973, pertence à Prefeitura de Bagé/RS. É palco de competições esportivas e eventos artísticos e culturais, como a Formatura de alunos da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA, por exemplo. É também sede da Secretaria de Esportes e Turismo de Bagé (SETUR).

Da junção dos quatro anos do ensino primário com os quatro do ginásio foi criado um único ciclo de oito anos, o chamado 1º grau de ensino, que passou a ser obrigatório. Quanto aos três anos do antigo ensino colegial, passaram a constituir o 2º grau. Dessas reformas educacionais começou a emergir a nova configuração profissional do professorado público de 1º e 2º graus. Entre outros motivos, porque duplicou, de quatro para oito anos, a obrigatoriedade do ensino fundamental a cargo do Estado, conforme Ferreira; Bittar (2006).

Os professores formados nos cursos de licenciaturas curtas das faculdades privadas noturnas substituíram a pequena elite intelectualizada das poucas escolas públicas antes existentes. A extensão da escolaridade obrigatória de quatro para oito anos ocasionou a rápida expansão quantitativa da escola fundamental, exigindo, para o seu atendimento, a célere formação dos educadores, o que se deu de forma aligeirada. A combinação entre crescimento quantitativo, formação acelerada e arrocho salarial deteriorou ainda mais as condições de vida e de trabalho do professorado nacional do ensino básico, tanto é que o fenômeno social das greves, entre as décadas de 1970 e 1980, teve como base objetiva de manifestação a própria existência material dos professores públicos estaduais de 1º e 2º graus. O arrocho salarial foi uma das marcas registradas da política econômica do regime militar. (FERREIRA; BITTAR, 2006, p. 1166).

No grupo dos assalariados vindos das classes médias, os professores do ensino básico foram um dos mais atingidos pelas medidas econômicas que reduziram bruscamente a representação salarial dos trabalhadores brasileiros. “O processo da sua proletarização teve impulso acelerado no final da década de 1970 e a perda do poder aquisitivo dos salários assumiu papel relevante na sua ampla mobilização, que culminou em várias greves estaduais entre 1978 e 1979”, conforme Ferreira; Bittar (2006, p. 1166). Sendo assim, no ano de 1974, em que a professora Cristina recorda os ótimos salários que os professores recebiam e que estavam sempre felizes e satisfeitos, a desvalorização salarial já havia começado. Porém ao comparar com os salários pagos atualmente aos professores da rede Estadual de Ensino, da qual ela faz parte, a diferença aparece muito acentuada.

Cristina (informação verbal) conta que havia a disciplina de Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e que depois passou para Moral e Cívica, diz que gostava muito das atividades cívicas, realizadas na escola, daquela época e que por ela deviam ser retomadas. Veja mais um trecho de sua entrevista:

Lembro que tínhamos a disciplina OSPB (Organização Social e Política do Brasil), depois, no lugar dela, entrou Moral e Cívica que era a mesma coisa só mudou a sigla, era ótima, eu gostava. Aí nós cantávamos o Hino, eram aqueles momentos civis ótimos, que dá a base para o aluno, eu acho que deveria retomar. Não digo que uma vez por semana, mas uma vez a cada quinze dias, ou uma vez por mês deveria ter isso. Acontecia sempre nas segundas-feiras, nós fazíamos fila, era o hasteamento da Bandeira e ao final, 5 ou 10 minutos antes de bater para ir embora, era o arreamento e no turno da tarde, a mesma coisa, era bom! Eu gostava muito disso! Isso aí, eu acho que deveria ser desse jeito, ser retomado, coisa que não é...hoje em dia não é né? Assim, pelo contrário, eu que sou professora, a gente é instruído a ser mais condizente, mais tranquilo, conversar mais com o aluno. É claro que eu não acho que seja autoritarismo, não precisa ser autoritarismo, eu não sou autoritária em aula. Mas, exigir a educação, isso tem que exigir, não é? (Cristina Amaral)

A professora recorda a disciplina que existia naquela época e compara com a de hoje, tem saudade e gostaria que seus alunos fossem um pouco mais comportados. Nesse comentário ela deixa claro sua posição de uma profissional que enfrenta as salas de aula com problemas graves de indisciplina e baixos salários.

De acordo com Rodrigo Gomes (2015), o professor Cleber Santos Vieira, do Departamento de Educação de Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no dia 12 de maio de 2015, no 1º Seminário do Núcleo de Direitos Humanos da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, ao analisar a influência da ditadura civil-militar no âmbito escolar diz: "Para além de toda a violência, a ditadura provocou grande prejuízo sobre a educação e isso permanece até hoje. A disciplina Educação Moral e Cívica foi um dos grandes projetos dos ditadores para construir valores na sociedade, adequados ao ideal de segurança nacional."

Ainda de acordo com Rodrigo Gomes (2015) Vieira afirma que "Foi um projeto sistemático e bem pensado para destruir a estruturação do ensino e projetos que estavam em curso." Vieira destaca ainda a exclusão de conteúdos como História e Geografia, substituídos pela disciplina Organização Social e Política do Brasil (OSPB).

Anísio Teixeira, ministro da Educação do governo João Goulart, foi quem incluiu a OSPB no currículo, em 1962. A proposta de Teixeira era dar conhecimento de leis e questões políticas para que o povo pudesse interferir com melhores condições nas decisões da sociedade. "A ditadura sugou a ideia e a colocou a serviço da doutrina de segurança nacional", afirmou Vieira.

O pesquisador lembra ainda que o projeto de educação da ditadura buscava esvaziar o conteúdo crítico do currículo brasileiro. Não era só dentro da sala de aula, tinha de cantar o Hino Nacional todo dia, por exemplo. Como afirma a professora Cristina (informação verbal)

em um trecho da entrevista “Aí nós cantávamos o Hino, eram aqueles momentos civis ótimos, que dá a base para o aluno, eu acho que deveria retomar.”

A construção do programa de Educação Moral e Cívica consta de documentos oficiais, tais como o Decreto 869/69 que tornou a disciplina obrigatória e o documento *A amplitude e desenvolvimento dos programas de Educação Moral e Cívica em todos os níveis de ensino*, que tinha o objetivo de definir os programas de EMC. Estes documentos revelam as reais intenções da disciplina, entre elas: “aperfeiçoamento do caráter do brasileiro e ao seu preparo para o perfeito exercício da cidadania democrática” (BRASIL, 1970, p. 9). Os documentos oficiais são instrumentos formulados sob coordenação dos condutores do regime da época, conseqüentemente, expressam os reais objetivos dos membros do poder. Tais documentos revelam os propósitos que dirigentes do governo tinham em relação ao novo componente curricular pretendido e posto em ação com a finalidade de suprimir o pensamento livre de alunos e professores de forma camuflada.

De acordo com a entrevista da professora Cristina (informação verbal) e com os dados referentes aos anos da ditadura civil-militar citados, podemos dizer que a relação entre professores e alunos nessa época era de um professor autoritário e de alunos sem espaço para se manifestarem, numa sala de aula vigiada.

3.3 Lembranças e aspirações de uma professora em formação

Na entrevista com Flávia Gonçalves (informação verbal)⁴, estudante de Letras da UNIPAMPA-Universidade Federal do Pampa, foi possível perceber o quanto o relacionamento entre professor e alunos é delicado e requer, principalmente do educador, um controle emocional muito equilibrado. Quanto às recordações negativas do tempo de escola ela relata que:

Negativa, foi com a professora da 5ª série, de espanhol, que até quando eu entrei para faculdade não queria nem ver espanhol na minha frente, porque ela era muito, muito estúpida. Eu lembro uma vez que... porque ela não ia às classes, ela ficava sentada no canto dela e mandava todos fazerem uma fila pra mostrar o caderno. Uma vez eu não sabia o que significava uma palavra em espanhol e perguntei pra ela. Que respondeu, estupidamente: - É igual, é igual. E eu perguntei: - Igual? E ela respondeu, estupidamente: - É, é igual. Eu escrevi no lado da palavra: igual. Quando passei na fila e mostrei para ela. Ela, simplesmente, debochou de mim na frente de

⁴ Entrevista concedida por Gonçalves, Flávia. **Entrevista IV**. [mai.2017]. Entrevistador: Luis Antônio Quadros. Bagé, 2017. 1 arquivo .mp3 (40min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em Anexo ao final deste trabalho.

todos. Naquela época eu detestava errar e ainda mais expor o meu erro. A palavra era a mesma em espanhol e em português. A gente tinha que traduzir, ela nem explicava e não tinha dicionário de espanhol na escola, nós tínhamos que adivinhar o significado das palavras. Isso foi muito ruim. (Flávia Gonçalves).

De acordo com o trecho acima podemos perceber o quanto as palavras do professor e a forma como são ditas influenciam na postura de vida dos alunos. Elas podem servir para incentivar ou para reprimir e nesse sentido o profissional ao entrar na sala de aula deve estar consciente do seu papel e de sua influência sobre o educando e sobre o ambiente em que está inserido. Conforme Freire (1995, p. 47), “Na prática educativa lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca.” O educador diz, também, que podemos contribuir para seu fracasso ou para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo.

Em outro trecho da entrevista, quando indagada quanto às lembranças agradáveis de ex-professores, relatou sobre um professor de Literatura que declamava poesias e demonstrava o seu amor e zelo pelo que fazia; segundo ela, esse fato a ajudou a gostar de Literatura e, em especial, de poesias. Ela falou, também, com respeito e admiração de uma professora de biologia que além de ensinar o conteúdo com o máximo de exemplos práticos possíveis, ainda interagiu constantemente com seus alunos. Declara que muito do que aprendeu nas aulas de Biologia lembra perfeitamente até hoje pelo fato de como as aulas eram agradáveis e interativas. Veja o que ela comenta sobre isso:

A única professora que conversava mais com a gente fora do conteúdo de aula era a professora de Biologia. Ela falava sobre a vida. Sobre sexualidade, perguntava quais as características de filho que a gente queria ter e a partir daí explicava quais as ligações genéticas deveriam existir para obtenção de tais características nos filhos. Todo mundo gostava dela, porque ela interagiu com a gente. Ensinava de maneira diferente e agradável. Até hoje eu lembro nitidamente de coisas que ela ensinou. (Flávia Gonçalves).

Conforme Müller (2003), embora estejam limitados por um programa, um conteúdo, um tempo determinado e normas da instituição de ensino, o professor e o aluno interagindo chegam à finalidade do ensino, que é a aprendizagem do educando.

Observa-se que, quando a professora de Biologia em questão fazia suas perguntas aos alunos, ela estava os incentivando a refletirem e a considerarem situações hipotéticas. E assim articular melhor suas respostas e comentários, partindo de um banco de dados que pode ter se formado antes de chegarem à escola. Com isso eles podem tirar suas dúvidas e ampliar seus

conhecimentos sobre o assunto. Neste ponto, devemos observar o que foi escrito por LIBÂNEO (1994, p.250):

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades.

De acordo com Cláudia Davis (2010), o educando não deve simplesmente saber coisas, mas, sim, ser estimulado a que pense competentemente sobre as mesmas, “O objetivo, assim não é fornecer verdades prontas e acabadas aos alunos, mas é, antes, capacitar o aluno a elaborar o conhecimento que se espera seja alcançado.” (DAVIS, 2010, p. 113). E esse objetivo só poderá ser alcançado através da interação e do diálogo.

Os comportamentos dos agentes da sala de aula estão dispostos em uma rede de interações envolvendo comunicação e complementação de papéis, em que expectativas recíprocas são colocadas. A autora ainda revela que nessas interações é importante que o professor procure colocar-se no lugar dos alunos para compreendê-los, ao mesmo tempo em que os mesmos podem, com a ajuda do mestre, conhecer as opiniões, os propósitos e as regras que este busca estabelecer para o grupo.

A entrevistada está em processo de formação e em breve estará apta a ministrar aulas, nesse sentido, perguntei o que ela entendia por um bom relacionamento entre professor e alunos. Respondeu que, para que isso aconteça, é preciso haver bom senso e respeito mútuo, então indaguei como ela pretendia estimular os alunos a ter respeito ao professor e aos colegas:

Eu acho que o principal é o respeito entre o professor e o aluno. Eu sou participante do subprojeto PIBID e o que a gente mais vê na sala de aula é o aluno conversando enquanto o professor está lá na frente falando. Eu acho uma falta de respeito. O aluno deve ter o tempo dele de falar, mas quando o professor fala ele tem a obrigação de ficar quieto. O que noto, e isso se repete nas observações de estágio, é que o professor regente não faz nada de efetivo para mudar esse quadro. Tá, ele fala, grita, manda trocar de lugar, ameaça mandar para secretaria. Mas, ele está vendo que isso não resolve a situação e segue repetindo os mesmos procedimentos. Falta um empenho maior, talvez uma metodologia de ensino que estimule o aluno a participar das atividades. Falar demais e dar lição de moral também não adiantam, eles não estão nem aí, para quem fala demais. Acho que é preciso investir mais em atividades lúdicas, mas com conteúdo adequado a cada contexto, algo que realmente os faça refletir e pensar de forma própria. Outra coisa é ter regras claras de conduta na sala de aula e procurar cumprir o que ficar combinado. (Flávia Gonçalves).

Percebemos que uma das questões destacadas pela futura professora está em como estabelecer condições adequadas ao processo de ensino-aprendizagem na sala de aula. Segundo ela, sem princípios básicos de respeito e boa convivência é quase impossível desenvolver um relacionamento interpessoal satisfatório. Indica que só boas metodologias de ensino, propostas pelo professor, e direcionadas para esse fim serão capazes de mudar esse quadro. Sendo assim, Tereza Cristina Rego (2010), utilizando-se da perspectiva de Vygotsky, fala que construir conhecimento implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas. Em relação ao valor das interações sociais (entre alunos e o professor e entre os educandos) no contexto escolar, ela explica que:

Essas passam a ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos alunos, particularmente aquelas que permitam o diálogo, a cooperação e troca de informações mútuas, o confronto de pontos de vista divergentes e que implicam na divisão de tarefas onde cada um tem uma responsabilidade que, somadas, resultarão no alcance de um objetivo comum. Cabe, portanto, ao professor não somente permitir que elas ocorram como também promovê-las no cotidiano das salas de aula.
(REGO, 2010, p. 110)

3.4 Professores: o reflexo de suas ações sobre a vida dos alunos na atualidade

Por fim, falemos da atual geração de estudantes que pertencem à geração Z, jovens que fazem parte deste grupo tem idades de 12 a 19 anos.

Para esses jovens, as redes sociais e os jogos eletrônicos são as principais formas de entretenimento. Santos Neto e Franco (2010) caracterizam a geração Z como:

[...] rápidos e ágeis com os computadores, têm dificuldades com as estruturas escolares tradicionais e, muitas vezes, com os relacionamentos interpessoais, uma vez que a comunicação verbal é dificultada pelas tecnologias presentes a todo o momento. (SANTOS NETO e FRANCO, 2010, p. 14).

De acordo com a citação acima, o jovem que faz parte da geração Z tem habilidade com as novas tecnologias, porém, muitas vezes, apresenta dificuldades com os relacionamentos interpessoais e com a comunicação verbal. Essas características aparecem na fala de João Carlos Silva (informação verbal)⁵, aluno do 9º ano da escola Justino Costa Quintana, ele tem 15 anos e quando perguntado sobre como é sua relação com os professores e se é de costume haver espaço para os alunos se manifestarem em sala de aula, ele diz:

A minha relação é mais de aluno do que...amizade...tipo, eu sou bem mais...como eu posso dizer...quieto, bem quieto. Eles dão bastante espaço sim pra gente dialogar, mas eu não gosto de falar, não costumo perguntar nada, quase nada, só respondo se ele me perguntar alguma coisa. (João Carlos).

Quando diz (informação verbal) “eu sou bem mais... como eu posso dizer... quieto, bem quieto” ele confirma o que a pesquisa afirma sobre a dificuldade que a geração Z tem de se comunicar verbalmente.

Santos Neto e Franco (2010) consideram que a geração Z está sofrendo uma ruptura brusca nas formas de percepção do mundo. A construção da personalidade e dos valores está acontecendo por caminhos muito diversos daqueles tradicionais - família, igreja, escola, televisão - pois a internet e a globalização interferem de forma significativa na formação da personalidade destes jovens.

Apesar de haver espaço para o diálogo e interação na sala de aula, muitas vezes não há disposição ou interesse para se relacionar com os colegas e professores, conforme Carlos

⁵ Entrevista concedida por SILVA, João Carlos. **Entrevista V.** [mai.2017]. Entrevistador: Luis Antônio Quadros. Bagé, 2017. 1 arquivo .mp3 (30min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em Anexo ao final deste trabalho.

(informação verbal): “Eles dão bastante espaço sim pra gente dialogar, mas eu não gosto de falar, não costumo perguntar nada, quase nada, só respondo se ele me perguntar alguma coisa.” Entendemos que a escola que Carlos frequenta é privilegiada em promover esse espaço na sala de aula. E quando perguntei se havia um professor com que ele tinha mais afinidade ele respondeu que sim e destacou as professoras de Matemática e de Inglês:

Sim, a professora de Matemática é uma, porque ela sabe explicar bem, eu entendo bem a matéria dela. E, também, ela gosta de passar entre as classes pra ver se tu entendeu. Como quando a gente tava no quarto ano, ela passa de classe em classe pra ver se tu entendeu a matéria. Ela é mais a professora tradicional. Ela coloca cálculo no quadro, a gente resolve e se tiver alguma dúvida ela vem e corrige. Deve ser por isso que eu gosto bastante da matéria dela. A outra é a professora Gisele de Inglês. Ela tinha bastante facilidade de se comunicar e sabia no que os alunos tinham dificuldade, ela sabia bastante diferenciar um aluno do outro. A mesma explicação que ela dava pra um aluno, ela conseguia dar outra explicação pra outro aluno que não conseguia entender aquela explicação que ela deu, assim não deixava ninguém confuso. (João Carlos)

Carlos considera que as aulas de Matemática satisfazem suas expectativas e a atenção ao passar entre as classes é o ponto positivo nessa relação. O diferencial da professora de Inglês é conhecer as características dos alunos e ter facilidade em comunicar-se com eles.

Ainda que Carlos seja introvertido, se as oportunidades persistirem com foco na interação em sala de aula, seu comportamento tende a mudar. No âmbito escolar, um dos desafios encontrados no processo de ensino-aprendizagem é despertar uma visão crítica destes contextos, no que diz respeito aos relacionamentos e formas de comunicação. Sendo assim, de acordo com Moran (1999), compete aos professores:

Ajudar o aluno a que acredite em si, que se sinta seguro, que se valorize como pessoa, que se aceite plenamente em todas as dimensões da sua vida. Se o aluno acredita em si, será mais fácil trabalhar os limites, a disciplina, o equilíbrio entre direitos e deveres, a dimensão grupal e social. (MORAN, 1999, p.01).

Em outro trecho da entrevista Carlos fala que se relaciona bem com os professores e que a maioria de sua turma é (informação verbal) “bem calma e costuma respeitar o professor, só alguns que destoam. Assim como os professores, eles nos tratam com muito respeito.” De acordo com o entrevistado podemos dizer que esta é uma escola onde boa parte dos professores utiliza uma metodologia em que o aluno tem espaço para se manifestar. Podemos concluir, então, que há uma relação de respeito entre professor e alunos, favorecendo a harmonia na sala de aula. No entanto, compreendemos que além do estímulo ao diálogo, é

importante criar atividades que envolvam os alunos em meio à realidade em que estão inseridos.

Já ao entrevistar Fernando Martins (informação verbal)⁶, de 17 anos, reparamos na diferença entre as informações. Aluno da Escola Estadual Silveira Martins, cursando o oitavo ano, quando questionado sobre sua relação com os professores, respondeu que:

No Silveira, por ter mais alunos, as professoras são mais bravas, já chegam na aula de mau humor, porque elas têm muitas coisas pra fazer. Dão muitas aulas, acontece bastante isso. Chegam cansadas e mal humoradas. Aí falam de qualquer jeito, gritando sempre. Tem uns que bagunçam e todos pagam. A gente não entende nada, bah! Não consegue aprender nada. Também acontecem coisas que eu não gosto, eu tenho um colega que era insultado quase todos os dias. Ele apanhava dos outros e a professora via e não fazia nada, isso me deixava muito chateado. Eu achava muito errado. Eu acho que a professora tinha que fazer alguma coisa. Faziam *bullying* com ele, a gente falava pra professora e ela não tomava providência. Um dia eu fui e falei pra diretora, aí ela teve que fazer a professora sair do colégio, porque ela via e não fazia nada. Não sei por que. Eu falava, mas ela não interferia. Não sei.
(Fernando Martins)

No trecho acima o aluno demonstra incômodo com a falta de paciência de professores e a indisciplina da turma, o que compromete a aprendizagem, pois em uma turma barulhenta e desorganizada não há diálogo entre professor e alunos. Também destacou um problema que atinge a maioria das escolas, o *bullying*, o agravante neste caso é que, segundo ele, a professora teve que ser afastada da escola por não tomar providências em relação ao que acontecia.

Observa-se que a realidade entre as escolas é bem diferente e a relação professor-alunos difere muito de uma para outra, mesmo que ambas sejam escolas públicas Estaduais localizadas no centro da cidade. Tudo vai depender do professor na adoção de estratégias que promovam o diálogo na sala de aula.

De acordo com Tatiane Fernandes Zambrano Brassolatti et al., (2016), em tempos digitais e de relações virtuais, o contato entre professores e os estudantes ainda é essencial no processo de ensino-aprendizagem. Muitas vezes, os alunos que nas redes sociais têm muitos amigos, fora do mundo virtual, se sentem inseguros. Precisam de ajuda para aprender e confiar em si. Sendo assim, a sensibilidade do professor em perceber as necessidades individuais dos estudantes permanece vital no processo de aprendizagem. Ainda refletindo sobre o trabalho do professor, Cruz (2008) em Brassolatti (2016) salienta:

⁶ Entrevista concedida por MARTINS Fernando. **Entrevista VI**. [mai.2017]. Entrevistador: Luis Antônio Quadros. Bagé, 2017. 1 arquivo .mp3 (30min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita em Anexo ao final deste trabalho.

Na era da informação, o espaço de saber do docente foi dando lugar ao de mediador e problematizador do aprender: ele passou a ser visto como aquele que desafia os alunos, mostrando-lhes, entre as várias possibilidades de aprendizagem, caminhos que poderão ser percorridos. (CRUZ 2008, p. 1027 apud BRASSOLATTI, et al., 2016, p. 6).

Moran (1999) considera uma mudança no processo de ensino-aprendizagem, em que os sistemas tradicionais se tornem mais flexíveis:

Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida. (MORAN, 1999, p.1).

Sendo assim, a partir das recordações dos mais velhos fizemos uma breve viagem e tentamos desvendar os reflexos da relação entre educador e educandos, oferecendo-lhes a oportunidade de reencontros com o passado em momentos de aprendizagem e reflexão.

Durante a fase crítica da ditadura civil-militar, em que a repressão restringiu a liberdade de direitos, também, nas salas de aula, percebemos o quanto é soberano tomar as próprias decisões quanto às mudanças necessárias.

Para os mais jovens o professor é a grande esperança de aceitação e reconhecimento, em um mundo virtual e sem afetividade. Nesse sentido, os alunos associam os conteúdos ao professor, criando um vínculo de amizade. Assim, mesmo com todos os problemas que afetam o convívio escolar, a decisão quanto a sua conduta na sala de aula está em suas mãos.

4 PROPOSIÇÃO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNOS ATRAVÉS DE TEXTOS MEMORIALÍSTICOS

Neste capítulo, apresento parte de um trabalho que auxiliou na melhora do relacionamento interpessoal na sala de aula, principalmente entre professor e alunos. A atividade foi realizada na disciplina de Estágio no Ensino Fundamental e o Projeto de Ensino foi elaborado tendo como um dos objetivos minimizar a indisciplina e a falta de entrosamento entre educador e educandos, problema observado na sala de aula.

O estágio ocorreu de dezessete de março a dezesseis de maio de dois mil e dezesseis, na Escola Estadual de Ensino Médio Frei Plácido, localizada na zona sul da cidade de Bagé-RS. A escola está localizada na área urbana e a maior parte de seus alunos é proveniente de bairros próximos. O trabalho foi desenvolvido ao longo de 30 horas/aula que foram divididas em 9 horas/aula de observação, 01 hora/aula para a aplicação de atividade diagnóstica e 20 horas/aula de prática de ensino.

O estágio no Ensino Fundamental atende as exigências necessárias à conclusão do curso de licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa - da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA e encontra base legal nos documentos:

- Lei 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 1996);
- Lei 11.788/08 de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre a concretização do estágio no ensino superior (BRASIL, 2008);
- Resolução CNE/CES 1/2006 que dispõe dos cursos superiores de licenciatura (BRASIL, 2006).

A turma escolhida para realizar o estágio foi a 91, nono ano, formada por 26 alunos com idades entre 13 e 16 anos. A partir do dia 17 de março até o dia 01 de abril, acompanhei as aulas, totalizando 10h/a entre observação e aplicação da atividade diagnóstica. Na observação constatei que os alunos eram muito agitados, conversavam bastante e não prestavam atenção nas atividades; percebi, também, que tinham dificuldades com a leitura, a escrita e a oralidade. Nesse sentido, realizei a atividade diagnóstica que consistiu na apresentação de um vídeo⁷, que falava sobre alteridade. A dinâmica incluiu um trabalho de interpretação oral e uma atividade escrita, na qual os alunos responderam algumas questões sobre relacionamento

⁷ O Que é se Colocar no Lugar do Outro?

Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=F8vA6HYS0Ck> > acesso em 15/05/2017.

interpessoal, e também responderam questionamentos em que puderam revelar o que costumam ler. O objetivo foi observar a disposição dos alunos para atividades de leitura, escrita e também para o debate em sala de aula.

A partir de então, decidi trabalhar com leitura, interpretação, escrita de histórias de vida, crônicas e poesias, explorando textos discursivos e a Literatura Memorialista a fim de resgatar um pouco as memórias dos alunos e incentiva-los à escrita de histórias de vida. Para o desenvolvimento da atividade diagnóstica e da prática de ensino, adotei como base a Sequência Didática, conforme a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Tal procedimento concebe a elaboração de um texto como uma atividade processual e consiste num conjunto de ações inter-relacionadas, com base em textos, objetivando que o aluno possa realizar o estudo de um gênero e, ao final, seja capaz de produzi-lo.

As atividades foram baseadas em textos diversos e objetivavam a leitura e a escrita de textos que se aproximam de alguma forma da realidade na qual os alunos fazem parte e encontram respaldo nas ideias de Geraldi, (2004), que aponta a necessidade de trabalhar a escrita como uma atividade provida de sentido. Também, de acordo com Bronckart (2006), a linguagem é compreendida como um “instrumento fundador e organizador” dos processos psicológicos humanos, o que significa que ela não é reduzida à condição de instrumento de expressão de sentimentos, pensamentos, emoções e conhecimentos, e sim concebida como meio de fundação e organização desses processos; Bakhtin (1979, p. 78), diz que “o locutor serve-se da língua para as suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala)”.

Apresentarei uma breve descrição sobre o contexto da escola na qual realizei o estágio, trazendo alguns dados sobre a turma, a professora, a observação das aulas, o planejamento didático e a ação pedagógica e, por fim, farei algumas considerações em relação ao que a atividade me proporcionou enquanto processo de formação e o que mudou no relacionamento interpessoal entre professor e alunos.

O trabalho com a classe foi baseado na leitura, na interpretação de textos, na escrita e na reescrita, atentando para o contexto histórico-social em que as obras foram escritas, fazendo um paralelo com a atualidade.

A intenção foi articular as leituras, através do debate sobre as possibilidades de sentido considerando o assunto, o autor, o provável leitor, qual a finalidade do texto e por que foi escolhido o suporte onde o texto é apresentado, conforme a indicação de Geraldi (2004):

Compreende-se, portanto, que, sob essa perspectiva, a produção de um texto deixa de ser vista como uma atividade desprovida de sentido, um exercício mecânico, no qual o aluno escreve pelo simples fato de escrever, e passa a ser vista como um ato de interação entre sujeitos. E, enquanto meio de interação, deve ser realizada tendo em vista: o que se tem a dizer (assunto); por quê? (razão/objetivo); para quê? (propósito/intenção); como? (gênero, suporte) e a quem? (interlocutor/leitor) (GERALDI, 2004, apud Miranda, 2014).

De acordo com Bronckart (2006, p.122), a linguagem é compreendida como um “instrumento fundador e organizador” dos processos psicológicos humanos, o que significa que ela não é reduzida à condição de instrumento de expressão de sentimentos, pensamentos, emoções e conhecimentos, e sim concebida como meio de fundação e organização desses processos. Também de acordo com Malaquias & Pereira, 2012 apud Miranda, 2014, a língua é concebida como uma atividade interativa, social e formadora:

Interativa, porque [...] seria por excelência interação, troca que permite agir comunicando e transformando: um sujeito que fala/escreve para outro sujeito, com um objetivo e intenção previstos. **Social**, porque os sujeitos referidos estão situados, fazem parte de uma comunidade linguística, falam, escrevem de um lugar social e, por vezes, respondem por este. Neste sentido, a língua, portanto, só existe em sociedade. Em contextos situados de atuação comunicativa, relativamente estáveis, em que o sujeito se identifica com, no e através do outro. **Formadora**, porque é a partir do uso situado da linguagem que nos desenvolvemos cognitivamente e modificamos o social (MALAQUIAS & PEREIRA, 2012, p.75-76, apud Miranda, 2014).

Sendo assim, o estudo da língua através da narrativa literária contribui em todos os sentidos para formação do educando além de auxiliar no relacionamento interpessoal. A discussão e a análise das histórias podem apresentar uma nova perspectiva da realidade, ampliando, assim, sua visão de mundo. Os alunos reconheceram que a linguagem comporta várias faces e que sua descoberta pode ser uma atividade agradável e interativa, pois através de crônicas, de poesias e de obras memorialistas descobriram novas formas de olhar e pensar sobre o já conhecido. Para Bakhtin (1979):

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação morfológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1979, p.109).

Trabalhar com narrativas literárias no Ensino Fundamental é a oportunidade de colocar o aluno em contato com assuntos e temas provocadores, incentivando-o a pensar por conta própria. A Literatura, sobretudo a Memorialista, é rica em histórias de vida que possibilitam

aos educandos pensar em situações inusitadas com as quais, de outra forma, dificilmente teriam contato. Essa aproximação estimula o aluno a relacionar tais histórias com suas próprias, ampliando a visão sobre si mesmo e sobre a realidade em que está inserido.

Para além do direito ao uso competente da língua, por meio da leitura e da escrita, há também o direito à leitura como meio de se usufruir da literatura, forma de expressão artística que é *humanizante* e, portanto, essencial ao desenvolvimento de todos nós e que pode ser considerada como um direito humano básico à vida, tal como, alimentar-se, vestir-se, ter direito a um teto, à saúde e à educação. No texto “O direito à literatura”, Cândido (1988, p. 186) afirmou:

Acabei de focalizar a relação da literatura com os direitos humanos de dois ângulos diferentes. Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar a situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CÂNDIDO, 1988, p. 186).

Ao apresentar a obra memorialista “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960 possibilitou-se o debate e a análise de assuntos como a pobreza, o preconceito e a exclusão social. A conversa promoveu a interação entre os alunos e possibilitou ao professor mostrar seu ponto de vista, além de estabelecer diretrizes para relacionamento interpessoal na sala de aula a fim de promover diálogos baseados no respeito pela opinião do outro. Gradativamente as atividades ajudaram o educando a posicionar-se diante de questões sociais delicadas e defender sua posição procurando argumentos convincentes.

4.1 Planejamento didático e ação pedagógica

No Projeto de Ensino procurei contemplar atividades e conteúdos que, além de estimular o interesse do aluno pela leitura e escrita também contribuíssem para a melhora do relacionamento interpessoal na sala de aula.

Trabalhei trechos do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” e depois o documentário “Favela: a vida na pobreza”, com a história de Carolina Maria de Jesus. O documentário foi gravado para uma televisão Alemã, e contém os depoimentos do fotógrafo

Stein e do roteirista e produtor Otto Engel, falando sobre a gravação do filme. O documentário é de 2014 e está disponível em: (<http://goo.gl/7lfUt4>).

Apresentei aos estudantes Carolina Maria de Jesus (1914-1977), uma escritora que viveu rotulada como “mulher, negra e favelada”, mãe solteira sem muita escolaridade, que tinha nos lixões do entorno da favela do Canindé, em São Paulo, onde morava, os meios de sustentar a família e a base de sua produção literária (ela levava para o barraco livros e cadernos que encontrava no lixo). Sua vida de escritora fez dela um fenômeno editorial e midiático, algo contrastante com sua atividade de catadora de papel das ruas de São Paulo.

Desde que apareceu para o mundo das letras com seu livro “Quarto de despejo”, no início da década de 1960, precedido das reveladoras reportagens do jornalista Audálio Dantas, Carolina Maria de Jesus vem sendo alvo de diversos estudos no Brasil e no exterior. Esses estudos giram em torno da sua turbulenta vida de favelada e da sua extensa obra, que engloba autobiografia, memorialismo, poesias, contos, provérbios e romances entre outras publicações no exterior sendo traduzida para dezenas de idiomas.

Em “Quarto de despejo” a autora falava de fome, miséria, abandono, violência, aguçando a curiosidade pública e o espanto geral da sociedade, numa época de grandes transformações, no Brasil com o advento da inauguração de Brasília, no exterior pelas radicais mudanças econômicas e geopolíticas.

Segundo Uelinton Farias Alves (2014), na Itália, Alberto Moravia, importante nome da literatura europeia, encontrou na obra de Carolina a palavra “de uma profundidade shakespeariana”. E, aqui no Brasil, Clarice Lispector disse, quando a conheceu numa sessão de autógrafos numa livraria carioca, que a escritora do Canindé escrevia de verdade ou escrevia a verdade, reforçando o poder de sua escrita.

Ainda de acordo com Alves (2014), o impacto de “Quarto de despejo” levou o sucesso de Carolina de Jesus para além das nossas fronteiras e dela mesma. Fala que, quando morreu, em 1977, morando em um sítio de sua propriedade, chegou a dizer que era melhor ter continuado a viver na favela. E que em verdade, nunca lhe saíram da curtida pele os efeitos de sua pobre vida, como catadora de papel e intelectual da miséria.

Com a intenção de conhecer melhor os alunos, procurei apresentar os conteúdos utilizando teorias que defendem uma posição sócio interacionista na aprendizagem, escolhi a Estética da Recepção como teoria que orienta o método recepcional de abordagem do texto literário em sala de aula.

Entendo que uma das maneiras do professor estimular a participação na sala de aula é a demonstração de comprometimento na escolha, no preparo e na apresentação dos materiais didáticos. Esse cuidado é percebido pelo aprendiz que, geralmente, corresponde à altura.

Conforme Daniela Maria Segabinazi (2013), os procedimentos didáticos, na sala de aula, geralmente, não acompanham escolhas de métodos de abordagem textual e nem consideram os fundamentos da teoria literária. Segundo ela, conhecendo a realidade das escolas públicas brasileiras, pode-se dizer que a atividade de leitura literária quase inexistente e o desinteresse pela leitura literária é crescente. Fala que, segundo Aguiar; Bordini (1993):

O modelo de aula de literatura atualmente em vigor na escola brasileira poderia ser descrito como uma sequência de atividades mais ou menos estáticas, ditadas inclusive pelo livro didático: apresentação de um texto, explicação do vocabulário, exercícios de interpretação, exercícios gramaticais e composição. (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 36 apud SEGABINAZI, 2013, p. 116)

Essa afirmação permite que reflitamos sobre a didática do ensino de literatura, seus métodos e sua falta de renovação ou mesmo de variação de atividades na sala de aula e se é esse modelo que pretendemos continuar aplicando.

Na perspectiva do método recepcional, o próprio conceito de literatura é repensado e recebe de cada leitor uma contribuição que passa a fazer parte do objeto, existente em um sistema de relações que congrega tanto o texto quanto o mundo histórico extratextual.

Essa concepção evidencia que a obra não possui mais uma significação única e imutável, impassível de outras interpretações que não aquelas da crítica autorizada, como a do professor e da crítica literária. O aluno sente-se valorizado ao ter o direito de dialogar com a obra de acordo com seu conhecimento de mundo.

De acordo com Segabinazi (2013), os autores Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, seguidores de Roman Ingarden, acrescentam que para a concretização do ato da leitura há o preenchimento dos vazios por parte do horizonte de expectativas do leitor. Ou seja, o leitor, durante a leitura, interfere, dialoga e preenche as lacunas de acordo com suas vivências acumuladas na memória, trazendo para o texto literário sua percepção sobre o que lê, revelando nesta atitude um verdadeiro ato de comunicação.

Ao apresentar “Quarto de despejo” procurei basear-me no método recepcional por entender que é este o mais indicado para estimular o relacionamento interpessoal na sala de aula, pois ele coloca o aprendiz como elemento central em todas as suas etapas. O que mais chama a atenção nessa proposta é a ênfase ao leitor empregada em todos os níveis, uma

novidade para o ensino público tradicional, normalmente desinteressado no ponto de vista do sujeito do aprendizado.

Ainda, aliar o método recepcional a projetos de trabalho a partir de temas é uma possibilidade que enriquece as aulas de literatura, e aproxima o professor dos alunos. Principalmente, porque os projetos partem da delimitação de uma situação-problema (origem do tema), resultante tanto do projeto político pedagógico da escola como da realidade dos alunos (determinação do horizonte de expectativas) e, posteriormente, se propõe a organizar o processo ensino-aprendizagem com a finalidade de compor um aprendizado significativo, sem necessariamente seguir um modelo rígido.

Com o objetivo de promover a interação na sala de aula, utilizei vários recursos, entre os quais: a apresentação de vídeos com músicas; declamação de poemas de Fernando Pessoa e a representação teatral de crônicas de Luís Fernando Veríssimo, explorando as possibilidades de sentido e aproximando a obra do leitor, aguçando assim o pensamento crítico ao estimular o diálogo.

Hoje, grande parte dos jovens tem uma escrita ativa, opinando sobre diversos assuntos nas redes sociais, em canais do *you tube* e em páginas do *facebook*, porém ao chegar à sala de aula essa espontaneidade desaparece. O projeto de trabalho se dispôs a aproximar essa característica do mundo virtual, trazendo um pouco dessa descontração para a sala de aula com a finalidade de, através da motivação, da afetividade e de um projeto de trabalho adequado, melhorar o relacionamento interpessoal, principalmente, entre o professor e os alunos.

Vygotsky (1994) esclarece que a motivação é um dos fatores principais para o sucesso da aprendizagem e, portanto, não se pode pensar no aluno sem o professor, pois este último irá motivar o aluno a aprender, numa relação dialógica, tanto dentro da escola como fora dela.

Trechos do romance foram apresentados em *slides* e a obra completa foi disponibilizada no grupo fechado do *facebook*, uma alternativa que encontrei, juntamente com os estudantes, para conhecer e discutir mais sobre a obra, já que não havia tempo suficiente para explorar todo romance na sala de aula. Também assistimos o documentário “Favela: a vida na pobreza”, gravado para uma televisão Alemã, através dele descobriu-se um pouco mais sobre a história de Carolina Maria de Jesus, e tivemos a oportunidade de saber como surgiram as favelas de São Paulo buscando ligações com o que já conhecíamos e com a realidade local. Estes foram alguns trechos de “Quarto de despejo” apresentados aos alunos em sala de aula:

17 de julho domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O sol está tépido. Deixei o leito as 6,30. Fui buscar água. Fiz café. Tendo só um pedaço de pão e três cruzeiros. Dei um pedaço a cada um, puis feijão no fogo que ganhei ontem do centro espírita da Rua Vergueiro 103. Fui lavar minhas roupas. Quando retornei do rio o feijão estava cozido. Os filhos pediram pão. Dei os 3 cruzeiros ao João José para ir comprar pão. Hoje é a Nair Matias quem começou impricar com os meus filhos. A Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciam. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente.

Fui na D. Florela pedir um dente de alho. E fui na D. Analia. E recebi o que esperava:

- Não tenho!

Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me:

- A senhora – respondi gentilmente.

E lhe chinguei interiormente. Se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como os pés de galinha.

Tudo espalha. Está circulando rumor que eu estou grávida! E eu, não sabia!

Saí a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo de São Paulo, várias pessoas saíam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou a insultar-me:

- Vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia.

Eu estava indisposta. Com vontade de deixar. Mas, prossegui. Encontrei várias pessoas amigas e parava pra falar. Quando eu subia a Avenida Tiradentes encontrei umas senhoras. Uma perguntou-me:

- Sarou as pernas?

Depois que operei, fiquei boa, graças a Deus. E até pude dançar no carnaval, com minha fantasia de penas. Quem operou-me foi o Dr. José Torres Netto. Bom Médico. E falamos de políticos. Quando uma senhora perguntou-me o que eu acho de Carlos Lacerda, respondi conscientemente:

- Muito inteligente. Mas não tem educação. É um político de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador. Uma senhora disse que foi pena! A bala que pegou o major podia acertar o Carlos Lacerda.

- Mas o seu dia... chegará. – comentou outra.

Várias pessoas afluíram-se. Eu, era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa(...)Depois, não mais quis falar com ninguém, porque precisa catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa pra comprar pão. Trabalhei até 11,30. Quando cheguei em casa era 24 horas. Esquentei comida, dei para Vera Eunice, jantei e deitei-me. Quando despertei-me, os raios do sol penetrava pelas frestas do barracão.

(Carolina Maria de Jesus, “Quarto de despejo: diário de uma favelada,” 1960, p. 10-

13)

Durante a leitura, os alunos se sensibilizaram com as dificuldades enfrentadas por Carolina de Jesus como catadora de papel e moradora de favela. Alguns alunos mencionaram que a história de vida da autora parecia-se com a de pessoas que conheciam, destacaram-nas como muito pobres, catadoras de papelão e moradores de “barracos”. Na sequência alguns estudantes criticaram a forma linguística utilizada pela escritora, provando assim, que a escola contribui para tomar como certa somente a escrita do tipo formal, discriminando qualquer outra utilizada por pessoas de pouca instrução. Outros se surpreenderam ao saber que o livro

foi publicado e traduzido para muitos países e que o próprio documentário foi apresentado na Alemanha.

De acordo com Lúcia Isabel dos Santos Telexa (2016), essa é uma tradição de estudos gramaticais e filológicos que se entende foi apresentada, durante muito tempo, para manter a língua formal e privilegiar a elite, impondo um preconceito inexistente em relação à unidade linguística do Brasil. E, ainda, Marcos Bagno (2007) acredita que:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 2007, p. 15).

Observa-se que apesar da língua falada pela grande maioria dos habitantes ser o português, esta exibe um alto grau de heterogeneidade e de desigualdade, pela grande extensão territorial do país, geradora de diferenças regionais, sobre as quais recai muito preconceito. Além do que, a distância entre as classes sociais e econômicas contribui sobremaneira para que haja essa variedade linguística.

Chamei a atenção, também, para o fato de que a literatura feminina vem sendo discriminada ao longo dos anos, mais ainda a literatura de autoras negras, por isso a importância de conhecer Carolina de Jesus em sala de aula. A realidade do diário de Carolina comoveu os alunos, pois as questões de raça e gênero aparecem no contexto escolar muitas vezes na forma de *bullying*.

“Quarto de despejo” trata-se de um gênero “diário” que, de acordo com a Literatura Memorialista, é o tipo de texto que mais fala espontaneamente das vivências pessoais. Normalmente se busca levantar as suas experiências de vida e o que temos aí é justamente a exposição do eu. Com características de um gênero subjetivo. Que fala das vivências pessoais e sua escrita, geralmente, ocorre de forma natural. Sendo assim, solicitei aos alunos que escrevessem um texto com as características de um diário.

O contato com o diário, com a experiência de uma vida, possibilitou aos alunos que também buscassem em seu passado as suas experiências e foi através disso que o professor teve acesso a seus alunos, pois o material que eles geraram permitiu que ele os conhecesse melhor.

Após escreverem sobre suas histórias de vida entregaram-me os textos, dos quais retirei os nomes e distribuí aleatoriamente entre os colegas para que lessem e fizessem um

comentário escrito sobre os mesmos. Depois disso, esses escritos voltaram para o professor que fez suas considerações e os devolveu para que realizassem a reescrita.

A atividade promoveu a interação entre os colegas e estimulou a aproximação entre professor e alunos, esse processo exigiu um contato mais próximo entre ambos, pois eles solicitavam várias vezes o auxílio do professor para tirar dúvidas e pedir sugestões de escrita.

Após, foram apresentados através de *slides*, dois textos escritos pelos alunos, com a finalidade de explorar as possibilidades de sentido, aproveitando, também, para realizar a análise linguística.

Foi dispensada uma atenção individualizada ao estudante no momento em que solicitaram ou que demonstraram estar precisando de ajuda, como demonstração de afeto, troca de conhecimentos e de valores.

Para Nelson Piletti (2004), quando o professor sabe trabalhar com as relações afetivas e os valores na sala de aula, todos podem crescer a partir das experiências vivenciadas. Pois nesse ambiente, o professor além de ensinar, aprende muito com os seus alunos. Segundo o autor, para que o afeto e a troca de valores transcorram de forma satisfatória na sala de aula, é necessário que o professor seja acessível ao seu aluno, instituindo uma aproximação agradável com ele.

O resultado da atividade foram textos, sobre os mais variados assuntos. Alguns relataram problemas de adaptação na escola, outros problemas familiares e de relacionamento com colegas e, ainda, alguns falaram sobre o time de futebol amador que frequentavam, destacando o treinador do grupo.

Procurei saber um pouco mais sobre o “famoso” treinador. Os estudantes contaram que participavam do time criado por ele, que era, além de instrutor, um amigo e conselheiro por quem os alunos tinham grande respeito e admiração. O “Bola”, como eles o chamavam, ensinava além de futebol, condutas de amizade e respeito, alertando contra o perigo do álcool e das drogas. Contaram que ele sempre separava um tempo depois dos treinos para conversar com seus atletas.

O trabalho com texto memorialístico “Quarto de despejo” foi uma das atividades que mais provocou a troca de experiências em sala de aula, melhorando o relacionamento entre os colegas e aproximando educador e educandos.

Na sequência apresentei um texto de Marina Colasanti, escrito em 1972, que reflete sobre a ideia de resistir diante das dificuldades, na busca por mudança e por melhora na qualidade de vida. O nome do texto é: “Eu sei, mas não devia”

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora. A tomar o café correndo porque está atrasado. A ler o jornal no ônibus porque não pode perder o tempo da viagem. A comer sanduíche porque não dá para almoçar. A sair do trabalho porque já é noite. A cochilar no ônibus porque está cansado. A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e a ler sobre a guerra. E, aceitando a guerra, aceita os mortos e que haja números para os mortos. E, aceitando os números, aceita não acreditar nas negociações de paz. E, não acreditando nas negociações de paz, aceita ler todo dia da guerra, dos números, da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisava tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo o que deseja e o de que necessita. E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E a fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez paga mais. E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar na rua e ver cartazes. A abrir as revistas e ver anúncios. A ligar a televisão e assistir a comerciais. A ir ao cinema e engolir publicidade. A ser instigado, conduzido, desnortado, lançado na infundável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição. Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro. À luz artificial de ligeiro tremor. Ao choque que os olhos levam na luz natural. Às bactérias da água potável. À contaminação da água do mar. À lenta morte dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ter galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta. A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim de semana.

E se no fim de semana não há muito o que fazer a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem sempre sono atrasado.

A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se de faca e baioneta, para poupar o peito. A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma. (COLASANTI, 1972)

Após eu ter apresentado a autora, distribuí uma cópia por aluno, sendo que alguns voluntários contribuíram, lendo em voz alta e, após, discutimos nossas impressões de leitura, refletindo o quanto nos acostumamos com situações e atitudes com as quais, na verdade, não devíamos nos habituar.

4.2 Considerações sobre as atividades desenvolvidas

Na sala de aula encontramos alunos com personalidades e expectativas diferentes. Precisamos utilizar, dentre os recursos que dispomos, todos os meios para que nenhum deles

fique ou se sinta excluído do processo de aprendizagem. Tendo a linguagem como uma das principais formas de interação entre os sujeitos, é importante trabalhar em sala de aula gêneros textuais e literários variados. De acordo com Mary Rangel e Jane do Carmo Machado (2012):

A aprendizagem da linguagem escrita e oral é um processo cognitivo que se realiza de modo diverso em cada indivíduo. Assim, considerando as peculiaridades e as especificidades de cada aluno, faz-se importante que o professor lance mão de variados recursos pedagógicos e linguísticos durante a implementação dos conteúdos disciplinares, facilitando a compreensão dos temas apresentados. Embora o contexto da sala de aula e as exigências próprias do fazer pedagógico estejam repletos de desafios que se traduzem no cotidiano vivido por professores e alunos, ao partilharem uma ação conjunta que envolve o ensinar e o aprender, cabe ao professor, enquanto profissional responsável pela aprendizagem dos alunos, dinamizar suas aulas utilizando-se de todos os recursos disponíveis, com objetivo de fazer com que cada aluno aprenda significativamente segundo suas possibilidades e potencialidades. (RANGEL; MACHADO, 2012, p. 7).

Dessa forma, com a intenção de conhecer melhor os alunos e promover a interação na sala de aula, apresentei várias atividades, dentre as quais o trabalho com o texto memorialístico “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, de Carolina Maria de Jesus, sendo esta a atividade que mais despertou a atenção dos alunos.

De acordo com Philippe Lejeune (2008), “A aventura do diário é, portanto, muitas vezes vivida como uma viagem de exploração, ainda mais que esse conhecimento de si não é uma simples curiosidade, mas condiciona a continuação da viagem: é preciso escolher e agir.”

No momento em que o texto memorialístico foi apresentado na sala de aula, os alunos sentiram-se sensibilizados com a história de vida da protagonista e já se entusiasmaram para escrever suas próprias histórias de vida. A partir dessa escrita, o professor pôde conhecê-los melhor a fim de elaborar novas atividades que viessem a promover a interação. Além disso, a atividade proporcionou aos alunos um momento de reflexão sobre o seu cotidiano.

Como podemos perceber no texto abaixo em que uma aluna revela como foi sua vinda para nova escola:

Eu me chamo (Bixiel), no dia 29/2/16
 Foi o meu 1º dia na Escola Frei Plácido
 pensei que ao entrar eu ia mudar, que o
 mundo todo se tornaria um inferno e
 na parte que envolve a escola se torna
 um inferno.
 Pensei que eu ia acumular confusão, que
 ia demorar para acumular amizade, mas
 não. Consegui amigos, amigos, uns ami-
 gos de verdade outros não.
 Mas agora a única pessoa que era meu
 amigo de verdade, está decepcionada comigo.
 Eu acho que perdi minha melhor amiga,
 era a única que se preocupava comigo,
 me dava atenção pros coisas importantes e
 eu faço ou falo e até pros minhas coisas.
 Agora a minha vida está mais entendida
 ainda mais estudando no Frei Plácido.
 Muitas coisas e pouco de sentido que tu
 eu acabei destruindo esse sentido.

Foto 01: Texto escrito por aluna do 9º ano.

Os problemas enfrentados entre o professor e os alunos e, também, entre os próprios estudantes, identificado no começo do Estágio, foi sendo modificado com o início da Prática de Ensino. A sequência didática a partir do trabalho com o gênero diário possibilitou ao professor conhecer melhor seus alunos, facilitando a aproximação entre ambos. Os alunos também escreveram crônicas, relatos pessoais e poesias. Os textos foram impressos numa gráfica da cidade, e transformados em livro, cada aluno pôde ficar com um exemplar. Esta atividade de reunir os textos e criar um livro teve como um dos objetivos valorizar a escrita dos alunos.

Esta é a capa do livro “Compilado de ideias”, da turma 91, da Escola Estadual Frei Plácido escrito em 2016. O título foi criado pelos estudantes e contou com, pelo menos, dois textos de cada um, além de algumas ilustrações criadas por eles.

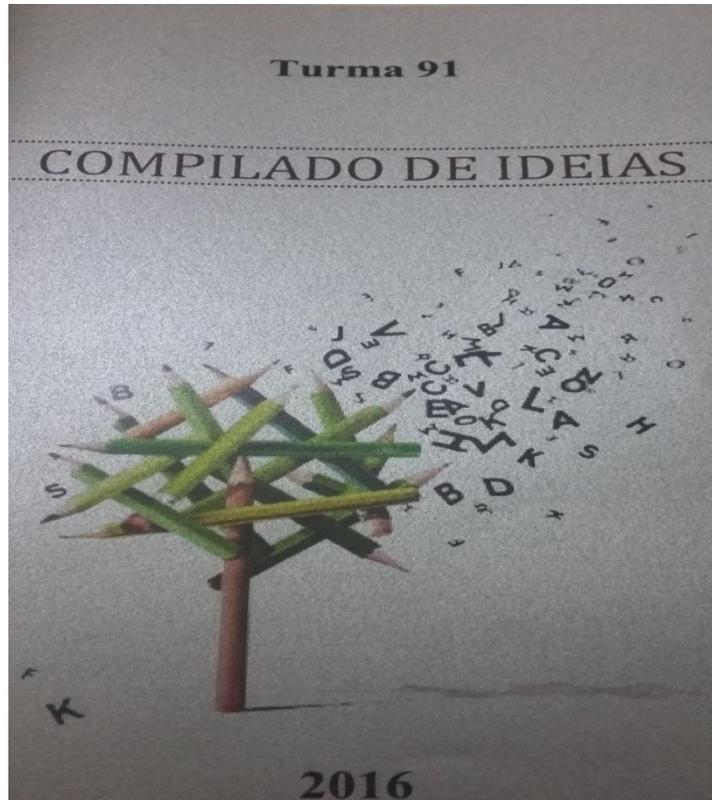


Foto 02: Capa do livro escrito pelos alunos.

No final do estágio foi solicitado que escrevessem um comentário sobre as atividades realizadas e a atuação do professor estagiário, durante a aplicação da prática de ensino.

Veja alguns dos comentários:

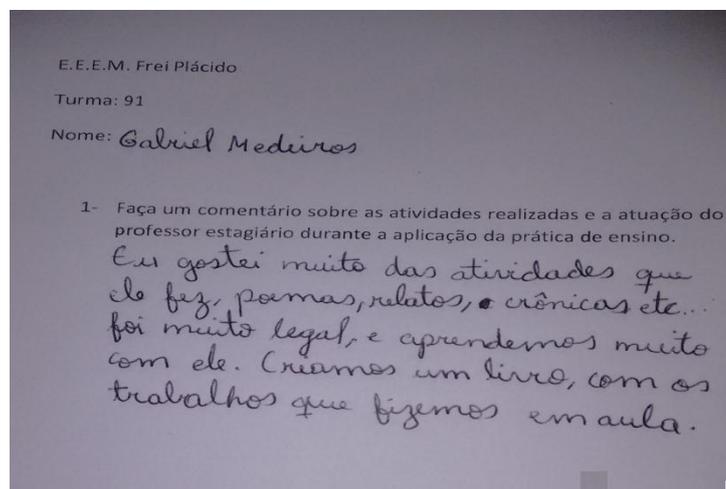


Foto 03: comentário de aluno sobre atividade de estágio.

No comentário o estudante diz que gostou muito das atividades e mostrou-se entusiasmado pelo fato de ter escrito um livro em união com os colegas. Esse acontecimento para uma turma de alunos que, no início do estágio, era dispersa e com vários problemas de relacionamentos em aula já demonstra uma melhora significativa na autoestima.

No comentário a seguir podemos perceber que, realmente, o aprendizado se torna mais fácil quando há interação entre professor e aluno. Veja o que ele diz:

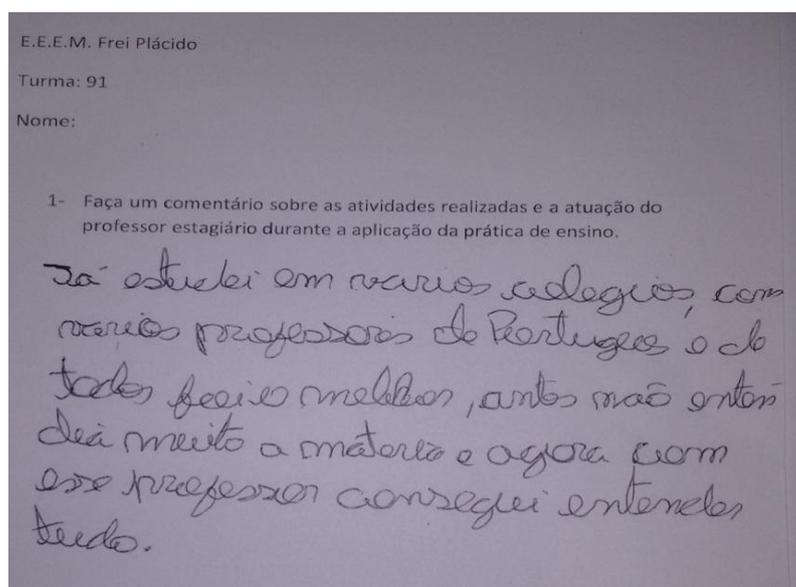


Foto 04: Comentário de aluno sobre a atividade de estágio.

No comentário, o estudante diz que já havia passado por muitas escolas, ainda assim, tinha dificuldades de entender os conteúdos que só agora conseguiu compreender melhor.

Em fim, podemos considerar que uma sequência didática, pensada nas diferenças entre os estudantes, contribui para a autoestima de todos, inclusive do professor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho discutimos sobre o relacionamento interpessoal entre professor e alunos, na tentativa de apontar algumas razões que justifiquem o distanciamento entre ambos, analisar seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem além de investigar como a atuação de professores se refletiu sobre a vida de alunos e ex-alunos da cidade de Bagé.

Percebe-se que os educadores estão desmotivados, pela indisciplina e insubordinação dos alunos. Para agravar esse quadro alguns professores ainda apresentam uma postura muito tradicional, e passam para os alunos a imagem de ser o centro do poder, e que eles são apenas coadjuvantes no processo de aprendizagem, aumentando o distanciamento entre ambos.

Procuramos resgatar, a partir da investigação entre memória e história, o percurso dos relacionamentos entre professor-aluno. Ao realizar as entrevistas seguimos o conceito de Alba Olmi (2006, p. 36) em que diz: “(...) cada lembrança deve ser considerada como reelaboração criativa que permite captar a essência de toda uma série de eventos (...)”. Nesse sentido, encontramos muitas marcas deixadas pela atuação do professor na vida dos alunos e ex-alunos. Algumas foram positivas e outras negativas.

A pesquisa ao contar com uma atividade prática desenvolvida a partir da Sequência Didática realizada como proposição de atividade, em que foi apresentado o gênero diário constatou que no momento em que os alunos foram expostos ao texto literário sentiram-se entusiasmados a escrever suas próprias histórias de vida, com isso o professor pôde conhecê-los melhor e assim reorganizar as atividades. Além disso, a atividade promoveu-lhes um momento de reflexão, com um olhar distanciado sobre o seu cotidiano.

Entendo que, apesar do ambiente escolar sofrer muitas interferências externas, o professor ainda tem autonomia para escolher como se posicionar diante dos alunos, exercendo uma relação de amizade, a fim de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula. Nesta hora predomina o professor/mediador, aquele que atua como uma ponte entre o conhecimento e o aluno, mais do que isso, o agente que promove um lugar de harmonia a partir do qual o processo de aprendizagem se realiza de forma plena.

Também compreendemos que os alunos associam o conteúdo diretamente ao professor, criando um vínculo de aceitação ou de repulsa a depender da relação entre ambos. Por isso, se este reparar que os alunos sentem-se intimidados na sua presença, é importante que faça uma reflexão sobre sua atuação em sala de aula.

Visando o bom relacionamento é importante construir laços de confiança em que o aprendiz não sinta vergonha ou medo de falar sobre suas dificuldades. Para tanto, precisamos

compreender que as relações que permeiam os indivíduos, em qualquer faixa etária, independentemente do nível social e cultural, são alicerçadas pelo afeto. Estabelecer tais vínculos na sala de aula é o melhor caminho para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça de forma agradável e proveitosa.

Também é importante que o professor esteja aberto às indagações e à curiosidade dos alunos, seu conhecimento de mundo deve ser considerado relevante para que a prática educativa seja concretizada e levada além do contexto escolar.

Dessa forma, o desafio é mudar a realidade do indivíduo e do meio em que vive, em um movimento constante e gradativo através da educação. Para tanto, devemos ficar atentos às relações interpessoais nas salas de aula, buscando a aproximação através da afetividade e do estímulo, por meio de atividades que promovam tal interação.

Nesta caminhada estará sempre a possibilidade do professor assumir uma postura comprometida. Que entende não haver outro caminho para o educador além do engajamento no processo de formação de educandos aptos a agir e reagir na sociedade em que estão inseridos, a fim de transformá-la em um lugar onde todos possam viver melhor. Lugar em que a interação social esteja presente em todos os contextos. O professor deve lançar mão de seqüências didáticas que envolvam o aluno, buscando maior aproximação e significação do tempo em que estão em sala de aula. Não querendo alunos passivos, ouvintes e robotizados, mas, ao contrário, ativos, que perguntem, desafiem e gostem de ser desafiados em um processo de ensino-aprendizagem constante. Nesse contexto, o professor não é obrigado a saber tudo que os alunos perguntam, apenas deve estar aberto ao diálogo e pronto a realizar pesquisas, tendo a consciência que tem muito a ensinar e aprender com seus alunos. O professor deve ter a certeza em sua mente e em seu coração que sua forma de interagir, ensinar e compartilhar com seus alunos é de fundamental importância para a vida de cada um deles.

6 REFERÊNCIAS

6.1 Referências teóricas

- ARENDRT, Hannah. A crise na educação. In: Entre o passado e o futuro. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 3ª reimpressão da 5ª ed. de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2005
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.
- ANTUNES, Celso. **Relações Interpessoais e a autoestima: a sala de aula como espaço do crescimento integral**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ARROYO, Miguel Gonzáles. **Educação e exclusão da cidadania**. In: BUFFA, E. Educação e cidadania: quem educa o cidadão. 4ª Ed. São Paulo: Cortez. 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. (1979) **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENTO, José Gomes; ARAÚJO, Henrique Gomes de; MAGALHÃES, João Batista; ROCHA, Conceição Pinto da. **Psicologia**. –Porto: Contraponto, edições, 1983.
- BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. –São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
- BRASIL. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos**. Lei Nº 13005, de 25 de junho de 2014b. **Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências**. Disponível em <<http://fne.mec.gov.br/images/doc/pne-201420241.pdf>> Acesso em: 02 mai. 2015
- BRASIL. Decreto-lei nº 2.481, de 3 de outubro de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, v. 126, n. 190, 4 out. 1988. Seção 1, parte 1, p. 19291-19292.
- BRASSOLATTI, Tatiane Fernandes Zambrano, et al. **relacionamento e comportamento dos estudantes da geração z: diagnóstico de uma escola técnica**
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Trad. Anna Rachel Machado, Maria de Lourdes Meirelles Matencio [et. Al]. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006. (Série Ideias sobre Linguagem)
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. – São Paulo: Contexto, 2014.
- DAVIS, Claudia. **Psicologia na educação**./Claudia Davis, Zilma de Oliveira.-3. Ed.- São Paulo: Cortez, 2010

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: _____. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia- Saberes Necessários à prática Educativa.** 22ª ed., São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

_____. Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1979.

HAYDT, Regina Célia C. **Avaliação do Processo de Ensino-aprendizagem.** In.,_____. Regina Célia C. Curso de didática geral. São Paulo: Ática, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 4ª ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** – São Paulo: EPU, 1986.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** Tradução Catarina Elenora F. da Silva; Jeanne Sawaya. 8ª ed. São Paulo: Cortez Brasília: UNESCO, 2003.

OLMI, Alba. **Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

PERFEITO, Alba Maria, CECILIO, Sandra Regina e HÜBES, Terezinha da Conceição Costa- **Leitura e análise linguística: diagnóstico e proposta de intervenção.** Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Professora Titular do Departamento de Metodologia de Ensino, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP (e-mail: ampdcav@usp.br). *Ciência & Educação*, v.7, n.1, p.113-122, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza.** Trad. Cláudia Schilling. – Porto Alegre: Artmed, 2001.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional.** 17ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

ROGERS, Carl Ransom. **Liberdade para aprender em nossa época.** 2ª ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1986.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SANTOS NETO, E.; FRANCO, E. S. **Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro.** *Revista de Educação do COGEIME*. Ano 19, n. 36, janeiro/junho, 2010.

6.2 Referências Literárias

ONDJAKI. **Bom dia camaradas.** Rio de Janeiro: Agir, 2006.

NERUDA, Pablo. **Confesso que vivi. Memórias.** Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

6.3 Referências digitais

ALVES, Uelinton Farias. **A Literatura de Carolina Maria De Jesus: do ‘Quarto de despejo’ para o mundo.** 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-do-quarto-de-despejo-para-mundo-13843687>> Acesso em: 28/ jun/2016

A influência das mudanças da legislação na formação dos professores: as 300 horas de estágio supervisionado. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v7n1/08.pdf>> Acesso em: 28/abr/2017

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico / o que é, como se faz.** 49º Edição. 2007. Disponível em: <<http://paginapessoal.utfpr.edu.br/bertucci/graduacao/linguistica-geral/.../BAGNO%20.../file>> Acesso em: 25/mar/2017

BRASIL. **Congresso Nacional.** Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <[HTTP://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf)> Acesso em 24 de out. 2016.

BULLYING. **21 perguntas e respostas sobre bullying.** Revista Nova Escola. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/336/bullying-escola>> Acesso em: 20 jun. 2017

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia.** Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1996, pág. 09. Disponível em: <http://www.releituras.com/mcolasanti_eusei.asp> Acesso em: 28/mai/2017.

SEGABINAZI Daniela Maria (UFPB). Aula de literatura – costurando leituras com fiapos de memórias. 2013 . Disponível em: <<http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/download/300/304>> Acesso em: 27/jun/2016

FERREIRA, A.; BITTAR, M. **A ditadura militar e a proletarização dos professores** Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1159-1179, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n97/a05v2797.pdf>> Acesso em 23/mar/2017

GOMES, Rodrigo. **Educação Moral e Cívica foi pensada para sustentar valores da ditadura.** Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/05/educacao-moral-e-civica-foi-um-projeto-da-ditadura-para-construir-valores-sociais-1640.html>> Acesso em 20/mar/2017

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. José Roberto Linhares de Mattos. **Em busca de um novo educador para uma nova educação.** Disponível em: <<http://www.ufrj.br/leprans/arquivos/educador.pdf>> Acesso em 02/mai/2016.

Mello, Cláudio José de Almeida. **Do incentivo à leitura: teoria da literatura, metodologia do ensino e a formação do leitor em questão.** 2010. Disponível

em:<<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/40/artigo8.pdf>> Acesso em: 27/jan/2017

MIRANDA, Alessandra Magda de; Mônica Mano Trindade Ferraz. **A produção textual sob a perspectiva do ISD: a reescrita em foco.** Disponível em

<<http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/544/558> >

Acesso em 28/jan/2017.

MORAN, José Manuel. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios.** 1999. Disponível em: <

<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf> > Acesso em: 30 de jun. de 2017

MÜLLER, Luiza de Souza. **A interação professor - aluno no processo educativo.**

Disponível em< https://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf>

Acesso em 04/mai/2016.

O Que é se Colocar no Lugar do Outro? (vídeo)

Disponível em<<https://www.youtube.com/watch?v=F8vA6HYS0Ck> > acesso em 20/03/2016.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Legislação** - Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>.

Acesso em: 20 de julho de 2016.

PINTO, Maria de Fátima Roque. **As Relações interpessoais e a aprendizagem** . Disponível

em<[file:///C:/Users/xx/Downloads/PDF%20%20MARIA%20DE%20F%C3%81TIMA%20ROQUE%20PINTO%20\(1\)%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/xx/Downloads/PDF%20%20MARIA%20DE%20F%C3%81TIMA%20ROQUE%20PINTO%20(1)%20(1).pdf) > Acesso em 02/05/2017.

RANGEL, Mary; MACHADO, Jane do Carmo. **O papel da leitura e da escrita na sala de aula: estratégias de ensino para dinamização dos processos de leitura e escrita.** Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. ISSN 2237-8758. 2012. Disponível

em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_229.pdf>

Acesso em: 23 de jun. de 2017.

RODRIGUES, Rogério. **Educação e psicanálise: a prática educativa e a produção de subjetividade.** Mental v.7 n.12 Barbacena jun. 2009. Disponível em<

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272009000100004

> Acesso em 12 de nov. 2016.

SALLES, Walther Moreira. Stein e Otto Engel. **Carolina Maria de Jesus e a favela.** Disponível em :< (<http://goo.gl/7IfUt4>. 2014).

<http://blogdoims.com.br/carolina-maria-de-jesus-e-a-favela/>> Acesso em: 28/mar/2016

SHINYASHIKI, Roberto. **Os desafios do professor na sala de aula.** Disponível em<

<http://linhadireta.com.br/publico/images/pilares/fqkd0lz838.pdf> > Acesso em 03/out/2016.

SOUZA, Nathan Bastos de. DORNELLES, Clara Zeni Camargo. **Os lugares discursivos ocupados pelos sujeitos aluno e professor e sua relação com a instituição escolar: um caso de rompimento(s) e eco(s).** Disponível em

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/20322/17420>> Acesso em 02/mai/2017.

ANEXOS**MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA:
OS REFLEXOS DA VIDA ESCOLAR****Roteiro de Entrevista**

I Entrevista com o Sr. Paulo Rocha (nome fictício), 85 anos, viúvo, aposentado. Estudou em meados de 1940, em duas escolas públicas de Bagé e também em Porto Alegre. Em Bagé: Escola Justino Costa Quintana e Escola Silveira Martins. Em porto Alegre no Colégio Rio Branco.

1. Em quais anos o senhor estudou? Principalmente o que seria hoje os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio? O que era o Ensino Médio naquela época?

Na década de quarenta...por aí, muito antes da ditadura militar que foi em 64. Naquela época era o primeiro ano, segundo ano, até o quinto ano que seria o Ginásio, eu estudei até o quarto ano. Estudei no colégio Quinze de Novembro e também, no Silveira Martins. Pra mim foi sempre tudo nota 10, nada me prejudicou, sempre foi tudo instrutivo, pra mim foi tudo válido. Eu estudei em Porto Alegre no Colégio Rio Branco na década de 40/50, acho que foi. Naquela época era muito difícil estudar, o governo não ajuda em nada, era tudo comprado.

2. Como era a questão da indisciplina na sala de aula?

Naquele tempo era tudo diferente. Havia respeito na sala de aula. O aluno respeitava o professor e o professor respeitava o aluno. Tudo que eles faziam era para o nosso bem. O que o professor falava a gente fazia. Não era como é hoje, que ninguém respeita ninguém, que o aluno agride o professor na sala de aula e fica por isso mesmo. Era um respeito mútuo, se respeitava como se fosse a mãe e o pai. Os professores eram meio enérgicos, às vezes, alguns alunos precisavam dessa energia se não...não eram santo, não é?

De vez em quando, acontecia de um ficar atirando papel no colega, daqui a pouco ia para o recreio e pisava no pé do outro por gosto. Aí eles colocavam o cara de castigo atrás da

porta. Tinha o negócio de botar o milho lá e botava o cara ajoelhado, e também a régua na mão

3. E o senhor, chegou a ficar de castigo alguma vez?

Eu, graças a Deus, não e também não cheguei a ver, na minha aula nunca aconteceu. Eu não quero ser o melhor aluno, mas eu sempre procurei andar na linha como tinha que andar.

4. Se o senhor chegasse em casa com um bilhete de reclamação do professor, o que os pais faziam?

Isso não acontecia comigo. É claro que existia, tinha menino bem comportado e também o mal comportado, aí levava um bilheteinho pra casa. Mas, não era como é hoje, o aluno não respeita o professor, brigam com o professor, dão neles.

5. O senhor recorda de algum professor de forma especial?

Tinha a professora Nancy. Ela era minha amiga, aliás, amiga de todos na sala. Ela conversava muito com a gente, escutava o que a gente dizia, dava conselhos para nós. Ensinava bem a matéria e conversava coisas interessantes que às vezes nem tinha a ver com a matéria dela. Mas eu lembro que nas aulas dela a gente aprendia tudo mais rápido.



MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA: OS REFLEXOS DA VIDA ESCOLAR

Roteiro de Entrevista

II Entrevista com o Sr. Renato Prado (nome fictício), 79 anos, viúvo, aposentado. Por residir na área rural, estudou em uma escola bem retirada do perímetro urbano, na campanha.

1. Fale um pouco do seu professor e da escola onde o senhor estudou?

O colégio era na campanha, naquele tempo nem luz tinha. Tinha os colégios aqui na cidade, mas eu morava na campanha. A professora não era muito boa, mas também não era ruim. Teve uma época que se eu fosse maior eu teria batido no professor, me dava quatro “bolo” por dia, com uma palmatória nas duas mãos.

2. Por que o professor fazia isso?

Eu, é porque ficava namorando no colégio e o aluno que não sabia responder quando o professor perguntava era castigado na hora, na frente de todo mundo. O professor dava “bolo nas mão.” A gente tinha medo, ninguém queria apanhar, né? Daí tinha um irmão meu que não conseguia aprender nada, passava levando bolo. Coitado! O professor achava que ele fazia por gosto, mas ele não aprendia nem as brincadeiras que a gente tentava ensinar. Como era um colégio de campanha, uma vez ele saiu correndo da aula, campo a fora, pra não apanhar. Aí o professor mandou que eu saísse atrás dele pra pegar. Eu saí e fingi que não consegui alcançar ele. Eu chegava perto dele correndo e dizia: - Corre mais, vai-te embora! Foi muito engraçado! Ele acabou abandonando o colégio.

3. Nenhum aluno falou ao professor a respeito das dificuldades dele aprender, inclusive nas brincadeiras?

A gente que era irmão falava, mas eles diziam: “- não quero saber! Se os outros fazem ele tem que fazer também!” eles não estavam vendo que ele não conseguia aprender, ele não tinha ideia.

4. Quando o senhor pensa na sua época, o que considera de positivo que o professor possa ter lhe ensinado na sala de aula, no que se refere ao relacionamento?

Olha, cada professor tem um jeito, eu considerava muito era a amizade do professor com a gente. Tinha uns que tinha muita amizade, outros não. Então, quanto mais amizade, mais a gente aprendia.

5. E o professor que era mais “amigo” , os alunos colaboravam com dele?

Colaboravam sim, tinha alguns que não, mas era muito difícil. Eu tinha uma professora que era assim e todos gostavam e respeitavam ela, era uma maravilha de professora, uma professora boa. Ba! Ela era diferente! Era amiga nossa, conversava sobre tudo, não só sobre a matéria, dava conselhos pra nós... A gente aprendia mais rápido as coisas, porque ela explicava de forma diferente e porque ela era nossa amiga. E muitas vezes ela ia à classe de um e de outro que não entendia bem e explicava direitinho e ele aprendia. Eu não precisava, eu aprendia de primeira!

6. E de aspecto negativo, lembra?

Não, a única coisa é que eu saía da linha e eles me castigavam, mas aí eu acho que eles tinham razão, eu é que pedia. Eu namorava na sala de aula, naquele tempo não podia, já diziam bem claro que não podia! A gente não podia olhar pro lado que já tinha punição.

Nossa! Uma colega era filha do professor suplente, começou a olhar o guri dentro da sala de aula e ele viu, colocou os dois ajoelhados em cima do milho. Castigou a própria filha dele. Esse é o que dava “bolo”. Eu achava que era exagero, ela só olhava.

7. Quanto à relação entre os alunos, o senhor achava que era boa? Havia muita indisciplina?

Não, isso aí não, era só no recreio. Só quando o professor saísse da aula...ainda assim era baixo, se tivesse anarquia, que ele visse, chegava e botava todo mundo de castigo, mas ninguém fazia nada. Quando ele tava ninguém falava nada, só aquele que ele chamava.



MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA: OS REFLEXOS DA VIDA ESCOLAR

Roteiro de Entrevista

III Entrevista com Cristina Amaral, 56 anos, professora. Estudou nas escolas: Bradesco e Carlos Kluge, em Bagé/RS. Por volta de 1970.

1. Quais as escolas que você estudou nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio? Em que ano foi? Você lembra? Como era o seu relacionamento com os professores? Você pode destacar alguns pontos positivos e negativos?

Estudei no Estadual, acredito que tenha sido em 74 mais ou menos.

Nessa época, o Estadual era e, é até hoje, bastante exigente quanto à disciplina e quanto à educação em geral, essa exigência ainda continua. Acho que era mais exigido, bem mais do que hoje, eu acredito que a educação há alguns anos atrás era bem melhor do que hoje, pena que não perdurou isso, não é? Naquela época na hora que os professores entravam na sala nós tínhamos que levantar, era uma questão de educação, eles nos passavam e a gente tinha que fazer isso sempre. Se tornava tão repetitivo que todo mundo até que gostava, o professor entrava nós levantávamos para recebê-lo, era muito bom! E a escola limpa, maravilhosa, muito organizada, tanto na disciplina quanto no conteúdo em si. Eu acho que fui bastante privilegiada na época, fiz o vestibular e passei de primeira, não tive que fazer curso nem nada porque eu tive um fundamental bem forte.

Então, quem gostava de estudar nem se preocupava, estudava e passava direto no vestibular. E, na época que eu fiz, foi vestibular mesmo, não é como agora, provinha não, era bem difícil! Pontos negativos? Não lembro! Não tinha bagunça, não tinha stress. Nossa! Professor nessa época era um deus, fora que recebia melhor do que hoje, claro! Os professores a gente via eles sempre contentes e aproveitando aquele momento, tenho certeza que era mais por causa disso, eles eram bem valorizados coisa que hoje não somos.

Não lembro de algum tipo de bagunça, talvez seja pelo fato da disciplina ser rígida e o professor era bem...se tu olhasse para o lado durante a explicação eles vinham em cima.

2. Você estuou na época da Ditadura Militar, Você percebia alguma marca desse regime na sala de aula?

É, lembro de uma vez, quando o presidente veio inaugurar o Ginásio “Militão” aqui. O avião dele sobrevoou o colégio saímos para o pátio para ver, para nós aquilo foi o máximo!

Lembro que tínhamos a disciplina OSPB (Organização Social e Política do Brasil), depois, no lugar dela, entrou Moral e Cívica que era a mesma coisa só mudou a sigla, era ótima, eu gostava. Aí nós cantávamos o Hino, eram aqueles momentos civis ótimos, que dá a base para o aluno, eu acho que deveria retomar. Não digo que uma vez por semana, mas uma vez a cada quinze dias, ou uma vez por mês deveria ter isso. Acontecia sempre nas segundas-feiras nós fazíamos fila, era o hasteamento da Bandeira e ao final, 5 ou 10 minutos antes de bater para ir embora, era o arreamento e no turno da tarde, a mesma coisa, era bom! Eu gostava muito disso! Isso aí, eu acho que deveria ser desse jeito, ser retomado, coisa que não é. Assim, pelo contrário, eu que sou professora, a gente é instruído a ser mais condizente, mais tranquilo, conversar mais com o aluno. É claro, eu não acho que tenha que haver autoritarismo, não precisa disso, eu não sou autoritária em aula. Mas, exigir a educação, isso tem que exigir, não é? O principal é isso, não precisa ser como era antes, tão rígido. Não podia nem respirar que o professor já brigava. Mas, eu acho que a Educação é um todo, tem que ter a educação, tem que ter o respeito para o aluno poder aprender, se não, não adianta. Se tu deixa tomar conta, como é que tu vai dar uma aula desse jeito? Não tem como, então tu tem que exigir mesmo, a educação, respeito e a disciplina de certa forma tem que ser exigido.

Eu acho que a maior parte das escolas é bem ao contrário, não é? A indisciplina reina na sala. Eu acho que aí o aluno...se o aluno...é como um filho, não é? O filho se tu não sabe educá-lo desde pequeno, mostrar o certo e o errado e de certa forma, as vezes, até ser um pouco duro com ele, ele faz o que quiser e pode, que Deus o livre, ir para as drogas. E o aluno, acho pra mim, que é a mesma coisa, não pode deixar ele fazer tudo que quer. Também não pode ser muito firme, tem que ter um meio termo para tudo, é igual ao filho. Eu acho que a educação poderia ser mais para esse lado, não tão aberta, tão liberal que pode tudo, que faz tudo... daí...dá o que dá, não é?



MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA: OS REFLEXOS DA VIDA ESCOLAR

Roteiro de Entrevista

IV Entrevista com Flávia Gonçalves (nome fictício), 26 anos, estudou na escola Estadual Silveira Martins e na Escola Estadual Dr. Carlos Kluwe, em Bagé. Atualmente é aluna do curso de Licenciatura em Letras/ Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol, da Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA- campus- Bagé/RS, e bolsista do Subprojeto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID.

1. Qual escola tu estudou, em especial, nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio? Que experiências, tanto positivas quanto negativas, tu podes destacar?

Estudei na escola Silveira Martins e na escola Carlos Kluwe. No sétimo e no oitavo ano, no Silveira, eu tinha uma professora de Inglês que não gostava muito. A gente ficava assim... principalmente eu, ficava olhando para a boca dela enquanto ela falava em inglês pra entender como é que ela falava, e aí um belo dia ela olhou pra mim e disse assim: “o que tu tá olhando pra minha boca?” Aí eu disse que era pra ver como ela falava. Aí ela disse que eu não era pra ficar olhando pra ela. Não gostei! Então não olhava mais pra ela, mesmo. Os professores eram todos grosseiros na maioria das vezes, então isso era normal, essa grosseria deles...

E, também no Ensino Médio, alguns professores. O professor de Português e a professora de física eram bem temperamentais, sabe. Ela xingava a gente, recolhia o celular... aquelas coisas.

E depois tinha o professor Osni, era o mais estúpido de todos, ele conseguia ser mais estúpido que a professora Janete porque ele atirava giz na gente. Ele estava lá na frente e se tivesse alguém falando só sentia um gizinho na cabeça.

E o professor de Literatura, que eu gostava muito dele que ele... era a aula que eu mais gostava era dele, porque ele passava aquele amor que tinha pelas poesias, pelas obras. Teve

um dia que ele quase chorou lendo uma poesia em aula, era bem gentil até, se bem que as vezes era grosso também, todos eram estúpidos, mas ele era um pouquinho mais gentil.

2. Você lembra de um professor de forma especial?

A única professora que conversava mais com a gente fora do conteúdo de aula era a professora de biologia. Ela falava sobre a vida. Sobre sexualidade, perguntava quais as características de filho que a gente queria ter e a partir daí explicava quais as ligações genéticas deveriam existir para obtenção de tais características nos filhos. Todo mundo gostava dela, porque ela interagiu com a gente. Ensina de maneira diferente e agradável. Até hoje eu lembro nitidamente de coisas que ela ensinou.

3. E essa professora de Biologia, a turma respeitava ela mesmo tendo essa abertura de conversar um pouco mais?

Todos gostavam dela e respeitavam. A única coisa que os alunos debochavam dela, mas não na frente, era das roupas, era bem rip assim, usava saião, um cabelão, aquelas coisas. Aí falavam muito disso daí, que ela era muito estranha.

Mas a professora que menos as pessoas respeitavam era a professora de Geografia.

4. Por que você acha que não respeitavam ela?

Porque não tinha graça, ela chegava, e dizia “oi”, e ia passar correndo no quadro, muito rápido. Aí todo mundo ficava conversando, ela apagava o quadro, e depois que ela apagava aquele quadro, ela enchia tudo de novo, e apagava de novo. Depois ela revisava todos os cadernos e quem não tivesse copiado uma coisa do quadro, ia para a secretaria, mas mesmo assim as pessoas não copiavam, porque não dava nada na secretaria, pois elas sabiam que ela era assim.

5. No seu ponto de vista, em que contribuiu o relacionamento entre professor e aluno para a sua formação? Você acha que teve alguma coisa tanto positiva quanto negativa?

A professora de Biologia, que eu lembro bastante coisa, não uso pra quase nada hoje porque não é da nossa área, mas é o que mais gravei, são essas coisas de Biologia. Porque ela ensinava de uma maneira bem diferente, brincando com a gente.

Negativa, foi com a professora da 5ª série, de espanhol, que até quando eu entrei para faculdade não queria nem ver espanhol na minha frente, porque ela era muito, muito estúpida. Eu lembro uma vez que... porque ela não ia às classes, ela ficava sentada no canto dela e

mandava todos fazerem uma fila pra mostrar o caderno. Uma vez eu não sabia o que significava uma palavra em espanhol e perguntei pra ela. Que respondeu, estupidamente: - É igual, é igual. E eu perguntei: - Igual? E ela respondeu, estupidamente: - É, é igual. Eu escrevi no lado da palavra: igual. Quando passei na fila e mostrei para ela. Ela, simplesmente, debochou de mim na frente de todos. Naquela época eu detestava errar e ainda mais expor o meu erro. A palavra era a mesma em espanhol e em português. Agente tinha que traduzir, ela nem explicava e não tinha dicionário de espanhol na escola, nós tínhamos que adivinhar o significado das palavras. Isso foi muito ruim.

6. Baseado no seu tempo de estudo, principalmente, focando nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, o que tu achas que é imprescindível, na visão do aluno, que venha contribuir para o relacionamento entre ele e o professor que facilite o aprendizado?

Eu acho que o principal é o respeito entre o professor e o aluno. Eu sou participante do subprojeto PIBID e o que a gente mais vê na sala de aula é o aluno conversando enquanto o professor está lá na frente falando. Eu acho uma falta de respeito. O aluno deve ter o tempo dele de falar, mas quando o professor fala ele tem a obrigação de ficar quieto. O que percebo, e isso se repete nas observações de estágio, é que o professor regente não faz nada de efetivo para mudar esse quadro. Tá, ele fala, grita, manda trocar de lugar, ameaça mandar para secretaria. Mas, ele está vendo que isso não resolve a situação e segue repetindo os mesmos procedimentos. Falta um empenho maior, talvez uma metodologia de ensino que estimule o aluno a participar das atividades. Falar demais e dar lição de moral também não adiantam, eles não estão nem aí, para quem fala demais. Acho que é preciso investir mais em atividades lúdicas, mas com conteúdo adequado a cada contexto, algo que realmente os faça refletir e pensar de forma própria. Outra coisa é ter regras claras de conduta na sala de aula e procurar cumprir o que ficar combinado.

7. Você acha que manter um bom relacionamento com o aluno contribui para no caso de haver entre os alunos brigas ou problemas relacionados ao *bullying*, por exemplo?

Contribui, mas pode sair do controle também, eu acho, porque as vezes quando tu não tem relação alguma tu pode mandar ficar quieto e eles vão ficar, ou tu pode mandar sair da aula. Quando tu tens um vínculo afetivo, os alunos se acham no direito de seguir batendo boca. Embora eu ache, também, que sempre tem um jeitinho com o aluno.



MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA: OS REFLEXOS DA VIDA ESCOLAR

Roteiro de Entrevista

V Entrevista com João Carlos Silva (nome fictício), 15 anos. Está cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Justino Costa Quintana em Bagé, onde estuda desde a pré-escola.

1. Como é a tua relação com os professores em sala de aula? Geralmente eles dão espaço para o aluno se manifestar? Tu costumava fazer muitas perguntas?

A minha relação é mais de aluno do que...amizade...tipo, eu sou bem mais...como eu posso dizer...quieto, bem quieto. Eles dão bastante espaço sim pra gente dialogar, mas eu não gosto de falar, não costumo perguntar nada, quase nada, só respondo se ele perguntar alguma coisa.

2. Tem algum professor que tu tens mais afinidade? Se sim, tu podes falar por quê?

Sim, a professora de Matemática é uma, porque ela sabe explicar bem, eu entendo bem a matéria dela e também, gosta de passar entre as classes pra ver se tu entendeu, como quando a gente tava no quarto ano, ela passa de classe em classe pra ver se tu entendeu a matéria. Ela é mais a professora tradicional, ela coloca cálculo no quadro, a gente resolve e se tiver alguma dúvida ela vem e corrige, deve ser por isso que eu gosto bastante da matéria dela.

A outra é a professora Gisele de Inglês. Ela tinha bastante facilidade de se comunicar e sabia no que os alunos tinham dificuldade, ela sabia bastante diferenciar um aluno do outro. A mesma explicação que ela dava pra um aluno, ela conseguia da outra explicação pra outro aluno que não conseguia entender aquela explicação que ela deu, assim não deixava ninguém confuso.

2. Tem algum professor que tu tens menos afinidade, por quê?

A única é a professora de Português, que é mais assim... ela dá só o conteúdo do livro e manda a gente copiar em casa e na próxima aula ela só vê o que a gente copiou...e manda a gente estudar e a gente faz a prova assim.

3. E ela não leva textos para sala de aula?

Leva, leva muitos textos.

4. E como ela trabalha com que esses textos?

Ela manda a gente lê e depois faz perguntas... sobre o texto.

5. Ela conversa sobre os assuntos que estão presentes neles?

Não, isso não. Ela só faz dá as perguntas e a gente procura no texto as respostas, mas é bem difícil de achar. Pelo menos pra mim... eu sou meio ruim em português.

6. Como tu consideras a questão da disciplina na tua sala de aula? E o relacionamento entre o professor e os alunos? Tem algum professor que tu tens menos afinidade em sala de aula? Se sim, por que tu achas que isso acontece?

A maioria da minha turma é bem calma e costuma respeitar o professor, só alguns que destoam. Assim como os professores, eles nos tratam com muito respeito. Não tem muito o que dizer da falta da disciplina, não acontece muita coisa.



MEMÓRIAS DA ADOLESCÊNCIA: OS REFLEXOS DA VIDA ESCOLAR

Roteiro de Entrevista

VI Entrevista com Fernando Martins (nome fictício), 17 anos. Está cursando o 8º ano do Ensino Fundamental na escola Pública Silveira Martins em Bagé.

1. Como é a tua relação com os professores em sala de aula? Como é o teu comportamento tu costumava fazer muitas perguntas ao professor?

A minha relação até que é boa, até. Eu faço algumas perguntas, até.

2. Tem algum professor que tu tens mais afinidade? Se sim, tu podes falar por quê?

Bah, tem! A professora de História, que professora boa que ela é, bah! Tá louco! Sempre chegava feliz, sorrindo, com alegria em dar a matéria, se tu não entendia ela ia lá te falava três, quatro vez se for preciso, aquela professora era boa. Ela era amiga, ainda falava que depois que os alunos cresciam ainda mantinha contado com eles, sabia um pouco mais da vida deles, era bem legal. Que eu me lembro é só ela, que era assim lá.

3. Tem algum professor que tu tens menos afinidade em sala de aula? Se sim, por que tu achas que isso acontece?

O problema que por ter muitos alunos eles não davam tanta atenção para os que realmente precisavam.

No Silveira, por ter mais alunos, as professoras são mais bravas, já chegam na aula de mau humor, porque elas têm muitas coisas pra fazer. Dão muitas aulas, acontece bastante isso. Chegam cansadas e mal humoradas. Aí falam de qualquer jeito, gritando sempre. Tem uns que bagunçam e todos pagam. A gente não entende nada, bah! Não consegue aprender nada. Também acontecem umas coisas que eu não gosto, eu tenho um colega que era insultado quase todos os dias. Ele apanhava dos outros e a professora via e não fazia nada, isso me

deixava muito chateado. Eu achava muito errado. Eu acho que a professora tinha que fazer alguma coisa. Faziam *bullying* com ele, a gente falava pra professora e ela não tomava providência. Um dia eu fui e falei pra diretora, aí ela teve que fazer a professora sair do colégio, porque ela via e não fazia nada. Não sei por que. Eu falava, mas ela não interferia. Não sei.